

O PATRIMÓNIO DAS ENCOSTAS DO DOURO

por Unidades de Paisagem

FICHA TÉCNICA

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE GAIA

Projecto Encostas do Douro

TÍTULO

**O PATRIMÓNIO DAS ENCOSTAS DO DOURO,
POR UNIDADE DE PAISAGEM**

EQUIPA TÉCNICA

Viilma Silva	COORDENAÇÃO TÉCNICA, ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E PAISAGEM
Isabel Castro	ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO, INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E PAISAGEM
Ricardo Tomás	CARTOGRAFIA E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA
Tiago Costa	INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO CULTURAL
Eugénia Guedes	RECOLHA E PESQUISA HISTÓRICA
Helga Nair	INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO CULTURAL
Fátima Laranjeira	DISPOSIÇÕES REGULAMENTARES
Sérgio Moreira	DISPOSIÇÕES REGULAMENTARES
Conceição Fernandes	DISPOSIÇÕES REGULAMENTARES
Paula Rua	APOIO ADMINISTRATIVO
João Mota e Silva	ENGENHEIRO CIVIL
Dina Henriques	CHEFE DE EQUIPA DO PROJECTO ENCOSTAS DO DOURO

VILA NOVA DE GAIA, 30 DE JUNHO DE 2011

O Património das Encostas do Douro

Pretendeu-se como este documento sistematizar a informação existente sobre Património Cultural e Natural das Encostas do Douro e completar este conhecimento com informação proveniente de trabalho de campo e de pesquisa histórica. Neste contexto, foram desenvolvidas fichas de caracterização individuais para cada ponto de interesse ao longo da área integrada no Projecto “Encostas do Douro”, sendo apresentadas, de jusante para montante.

Considera-se no entanto que estas fichas de caracterização devem ser vistas como um documento aberto, sujeito sempre que necessário, a novos contributos e actualizações.

As fichas de caracterização foram elaboradas com base nas seguintes fontes de informação:

- Trabalho de campo realizado pela equipa multidisciplinar do Projecto Municipal “Encostas do Douro”;
- Inventário do Património Arquitectónico e Arqueológico desenvolvido pela GAIURB EEM, no âmbito do processo de revisão do PDM de Vila Nova de Gaia, em 2007;
- Fichas de Inventariação do Património Imóvel do Concelho, Arquivo Municipal de Vila Nova de Gaia (trabalho desenvolvido de 1999 a 2005);
- Monografias das freguesias abrangidas;
- Levantamentos fotográficos realizados ao longo dos anos;
- Diversos registos históricos;
- Relatório de Estágio de Arquitectura Paisagista “As Quintas em Estrutura Ecológica na margem Sul do Douro”, de Álea Soares.

O Património Histórico e Cultural inventariado revela uma antiga e íntima relação entre o Homem e esta paisagem fluvial que nela erigiu um vasto conjunto construído do qual resulta uma inventariação de 33 quintas privadas de recreio e produção, 21 cais, 5 núcleos ribeirinhos, 11 elementos arquitectónicos religiosos, 2 elementos industriais de Interesse Patrimonial e Histórico, 6 pontes e 2 areinhos.

Para além destes, destacam-se também infra-estruturas de apoio à visita da orla ribeirinha do Rio Douro em Vila Nova de Gaia, ou seja, sítios que podem ser considerados como “portas de entrada e acesso” ao Rio Douro. São exemplo disso o Laboratório Edgar Cardoso, o Jardim de Oliveira do Douro, o Parque Botânico do Castelo, o Centro Náutico de Crestuma e o Centro de Educação Ambiental da empresa Águas do Douro e Paiva.

Para além do vasto património material, destaca-se também a riqueza do património imaterial, como são o caso das lendas e tradições ligadas ao Rio. Este património não foi objecto de ficha de caracterização, embora se considere que o conhecimento sobre este apresenta um grande interesse histórico e cultural, para além de nos ajudar a perceber a relação do homem com esta paisagem.

No respeitante ao Património Natural destacam-se como valores naturais únicos a escarpa da Serra do Pilar, os areinhos, o vale agrícola de Quebrantões, os afluentes do Rio Douro e suas galerias ripícolas.

Ao longo dos tempos, parte destes valores patrimoniais foram-se desqualificando, muito devido às dinâmicas relacionadas com o abandono agrícola, à expansão urbana, viária e industrial.

Actualmente assiste-se a uma crescente valorização da dinâmica ribeirinha enquanto potencial de desenvolvimento da região, na perspectiva de devolver o Rio às suas gentes e de fomentar o seu potencial recreativo e turístico. Exemplo dessas iniciativas é o recente Protocolo, celebrado entre o Instituto Português e dos Transportes Marítimos (IPTM) e o Município de Vila Nova de Gaia, com o objectivo de requalificar o Cais do Esteiro em Avintes e o Cais de Crestuma.

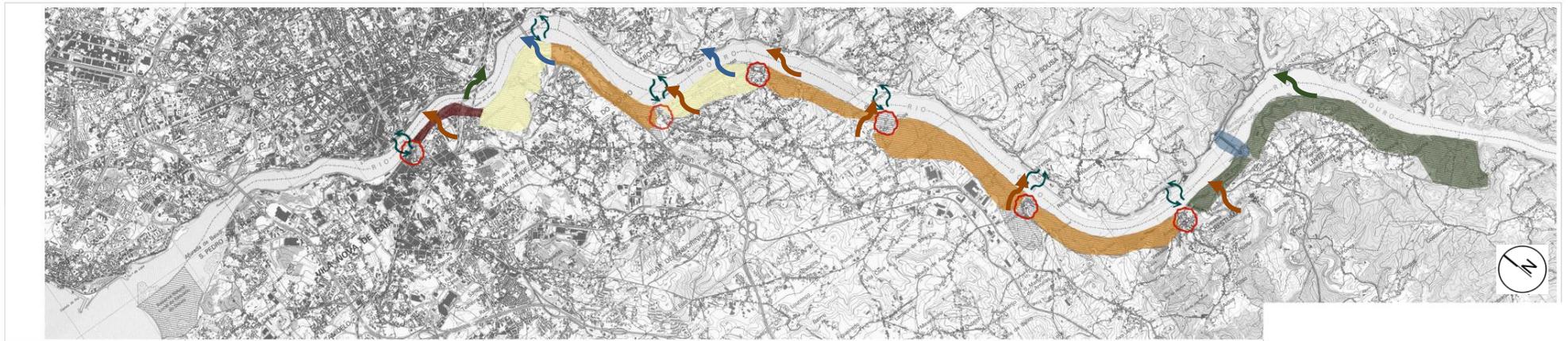
Prevê-se igualmente, para um futuro próximo, a recuperação dos cais de acostagem, rampas, pesqueiras e muros construídos ao longo da margem, assim como a revitalização dos “percursos de pé posto” e acessos entre os distintos núcleos ribeirinhos. Assim, espera-se que muito do Património Cultural até hoje inventariado, possa ser recuperado, contribuindo para o enaltecimento da paisagem da frente ribeirinha e para a melhoria da qualidade de vida da população do concelho e dos potenciais visitantes.

ÍNDICE

O PATRIMÓNIO DAS ENCOSTAS DO DOURO, POR UNIDADE DE PAISAGEM:

UNIDADE DE PAISAGEM 1 – ESCARPA DA SERRA DO PILAR	6
UNIDADE DE PAISAGEM 2 – AREINHO DE OLIVEIRA DO DOURO	18
UNIDADE DE PAISAGEM 3 – QUINTAS E MATAS (DO AREINHO À FOZ DO RIO FEBROS)	40
UNIDADE DE PAISAGEM 4 – AREINHO DE AVINTES	52
UNIDADE DE PAISAGEM 5 – QUINTAS E MATAS (DE ESPINHAÇO ATÁ AZENHA DE CAMPOS)	60
UNIDADE DE PAISAGEM 6 – QUINTAS E MATAS (DE AZENHA DE CAMPOS A ARNELAS)	72
UNIDADE DE PAISAGEM 7 – QUINTAS E MATAS (DE ARNELAS AO PARQUE BOTÂNICO DO CASTELO)	81
UNIDADE DE PAISAGEM 8 – ÁREA ENVOLVENTE À ALBUFEIRA CRESTUMA-LEVER	96

Plano Conceptual



 Núcleos ribeirinhos

 Fluxos fluviais antigos entre margens

Portas da Paisagem Protegida

 Núcleos ribeirinhos

 Areinhos

 Estruturas de apoio à visita

Unidades Territoriais:

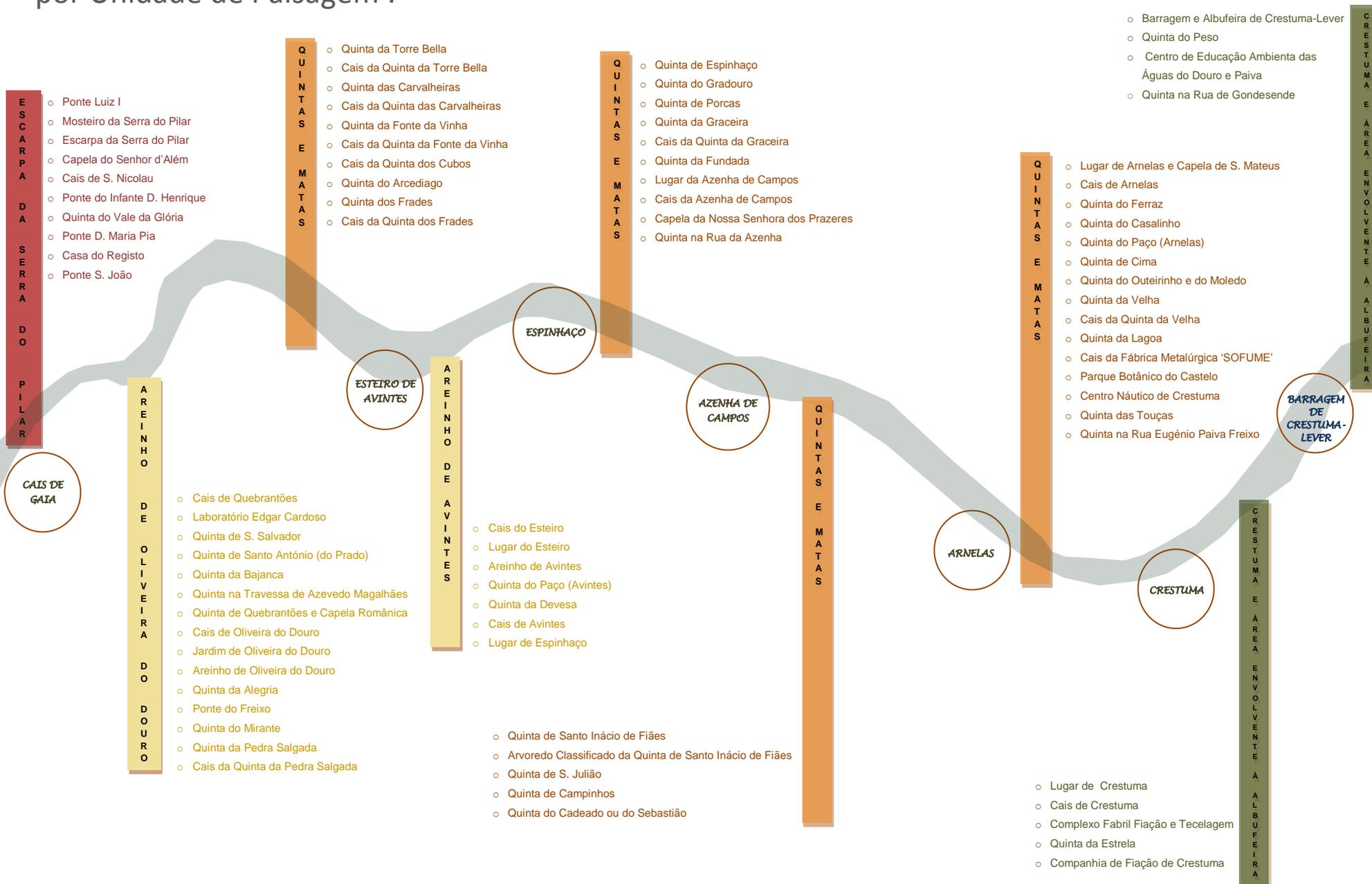
 *Escarpa da Serra do Pilar*

 *Areinhos*

 *Quintas e Matas*

 *Contínuo florestal*

Fichas de Caracterização do Património das Encostas do Douro, por Unidade de Paisagem :



- E
S
C
A
R
P
A

D
A

S
E
R
R
A

D
O

P
I
L
A
R**
- Ponte Luiz I
 - Mosteiro da Serra do Pilar
 - Escarpa da Serra do Pilar
 - Capela do Senhor d'Além
 - Cais de S. Nicolau
 - Ponte do Infante D. Henrique
 - Quinta do Vale da Glória
 - Ponte D. Maria Pia
 - Casa do Registo
 - Ponte S. João

CAIS DE
GALIA

ESTEIRO DE
AVINTES

ESPINHAÇO

AZENHA DE
CAMPOS

ARNELAS

CRESTUMA

BARRAGEM
DE
CRESTUMA-
LEVER

UNIDADE DE PAISAGEM **1** Escarpa da Serra do Pilar



Rio Douro, pleno de vida e riqueza, pontes e barcos sobre as suas águas o cruzam, testemunhando a incessante corrente até ao mar tão próximo.

PONTE LUIZ I

SANTA MARINHA

01



Paulo Oliveira, 2003

A Ponte Luiz I (também conhecida por Ponte D. Luís), ex-libris da cidade do Porto, incluída no Centro Histórico do Porto, foi classificada como Imóvel de Interesse Público e como Património Industrial pelo IPPAR em 1982, e ainda como Património Mundial Cultural da Unesco em 1996. Projectada pelo Engenheiro Teófilo Seyrig (discipulo de Gustave Eiffel), a Ponte Luiz I foi uma das obras de maior envergadura do plano rodoviário, realizado pelo monarca Luiz I.

Inaugurada a 1886, a ponte apresenta 2 tabuleiros, com o comprimento de 395 metros e um arco de ferro com 172 metros de corda. Na altura da sua construção, permitia a passagem da estrada real vinda de Lisboa até ao norte do país.

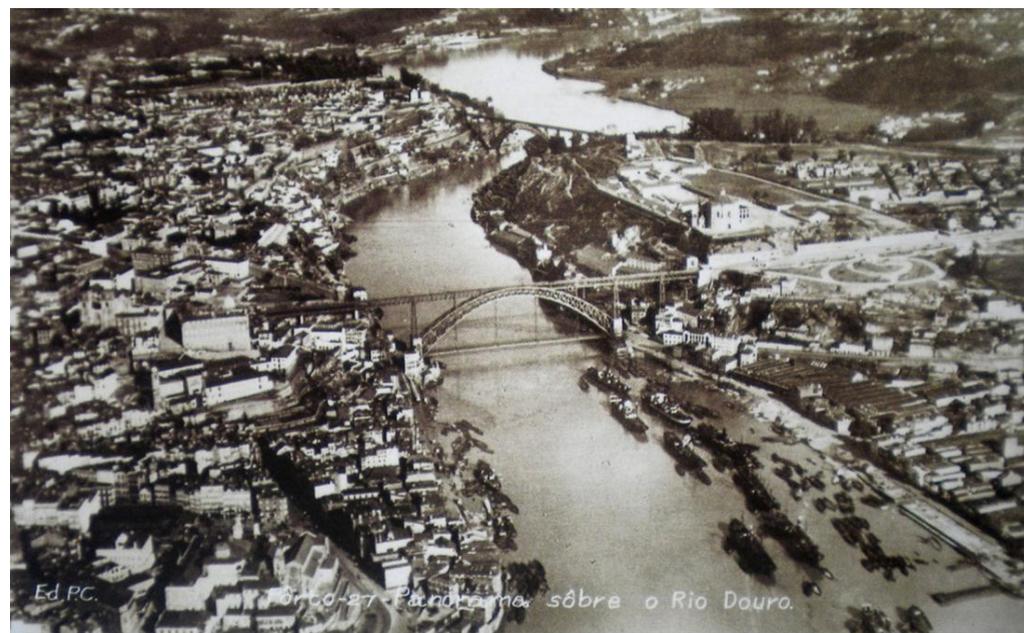


Helga Nair, 2010



PORTO - Ponte D. Luiz I - Taboleiro inferior

Memórias de Gaia através do Bilhete Postal Ilustrado, 2002



Memórias de Gaia através do Bilhete Postal Ilustrado, 2002

MOSTEIRO DA SERRA DO PILAR

SANTA MARINHA

02



Paulo Oliveira, 2003

A Serra do Pilar, de vertente escarpada sobranceira ao Rio Douro e com 96 metros de altitude, encontra-se encimada pelo Mosteiro da Serra do Pilar, de Frades Agostinhos e hoje convertido em quartel militar. Para além do Mosteiro, foram também consagrados a Património Mundial Cultural da UNESCO em 1996, a Igreja e Claustro da Serra do Pilar.

A Poente da Serra do Pilar, junto ao tabuleiro superior da Ponte Luiz I, encontra-se o Jardim do Morro, que desfruta de uma vista soberba sobre o rio Douro e sobre os Centros Históricos do Porto e de Vila Nova de Gaia. O jardim possui um lago, um coreto e uma vasta variedade de espécies vegetais, entre as quais de destacam as tílias. Actualmente, o teleférico, inaugurado a 1 de Abril de 2011, faz a ligação entre o Cais de Gaia e o Jardim do Morro, percorrendo uma distância de 560 metros.



Helga Nair, 2010



Paulo Oliveira, 2003

ESCARPA DA SERRA

SANTA MARINHA

03



Helga Nair, 2010



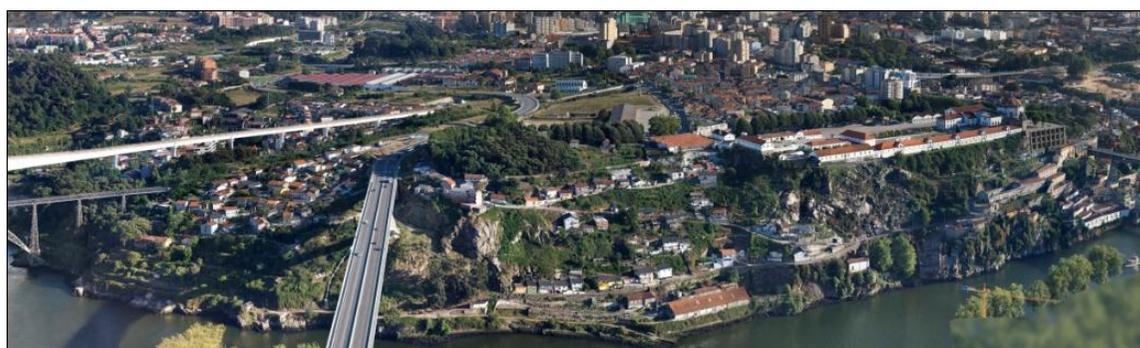
Ricardo Tomás, 2009

A escarpa da Serra do Pilar está situada entre a Ponte Luiz I, na freguesia de Santa Marinha e Quebrantões em Oliveira do Douro. Em termos geológicos, a Serra do Pilar é composta por granito alcalino de grão médio a grosseiro, leucocrata de duas micas, correspondente ao granito que surge igualmente no Porto.

Trata-se de uma área que está sujeita a uma operação de requalificação urbanística, prevendo-se a execução posterior de um conjunto de acções que permitam a consolidação da escarpa, complementadas com trabalhos de tratamento paisagístico e renaturalização da mesma.



Ricardo Tomás, 2009



João Ferrand, 2008



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Paulo Oliveira, 2003

CAPELA DO SENHOR D'ALÉM

SANTA MARINHA

04



Paulo Oliveira, 2003

A Capela do Senhor d'Além, referida como herdeira de um Hospício Carmelita do século XVI, está situada na encosta da Serra do Pilar e foi edificada no lugar da antiga ermida do século XII, consagrada a Jesus Cristo Crucificado, cuja imagem se venera ali com invocação do Senhor d'Além.

Foi reconstruída em 1877, merecendo destaque a talha dourada de grande ornamentação no altar e a "Milagrosa Imagem".

A festa em honra do Senhor d'Além realizava-se, processionalmente, em barcos pelo Rio Douro, no domingo seguinte em que se celebra a festividade à Senhora do Pilar (no penúltimo domingo de Agosto).



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

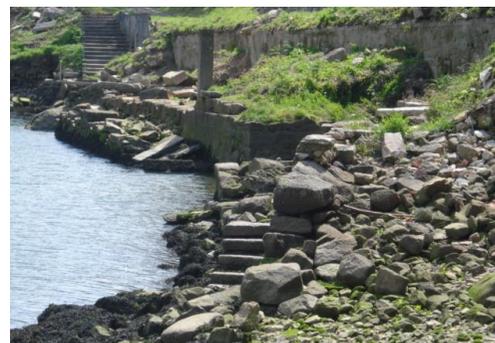
CAIS DE S. NICOLAU

SANTA MARINHA

05



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

O Cais de S. Nicolau está situado no sopé da escarpa da Serra do Pilar. No passado serviu de apoio a uma antiga fábrica de cerâmica contígua. Serviu ainda, mais recentemente, de ponto de acesso ao plano de água para desportos nauticos do CDUP, actividade que entretanto cessou naquele local.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

PONTE DO INFANTE D. HENRIQUE

SANTA MARINHA

06



Helga Nair, 2010

A Ponte do Infante D. Henrique, projectada pelo Arquitecto José António Fernández Ordóñez e pelo Engenheiro Adão da Fonseca, foi baptizada em honra do Infante D. Henrique, nascido no Porto, tendo sido inaugurada em Março de 2003.

Localizada a montante da Ponte Luiz I e com uma extensão de 371 metros, a Ponte do Infante D. Henrique, liga o Bairro das Fontainhas no Porto, à Serra do Pilar em Vila Nova de Gaia, destinando-se exclusivamente ao trânsito rodoviário, de modo a substituir o tabuleiro superior da Ponte Luiz I, convertida para uso do metro.



Helga Nair, 2010



Isabel Castro, 2011



Paulo Oliveira, 2003

QUINTA DO VALE DA GLÓRIA

SANTA MARINHA

07



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

A Quinta do Vale da Glória, localizada entre a Ponte do Infante D. Henrique e a Ponte Maria Pia, destaca-se pela sua posição sobranceira ao Rio Douro e pela presença de uma extensa mina cavada no granito, que se divide em dois ramais, denominada “Fonte da Gruta”. Outrora, a água desta fonte era comercializada como “Água da Gruta”. Nos seus terrenos armados em socalcos, evidencia-se para além de folhosas, um conjunto de Palmeiras das Canárias - *Phoenix canariensis*.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Rótulo de um garrafão, de água da Fonte da Gruta, Quinta do Vale da Glória, em Quebrantões.

In Notas Monográficas sobre a Freguesia de Santa Eulália de Oliveira do Douro



Helga Nair, 2010

PONTE MARIA PIA

OLIVEIRA DO DOURO

08



Paulo Oliveira, 2003

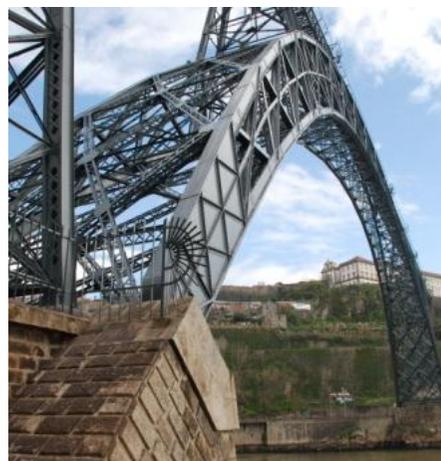
A Ponte Maria Pia, assim chamada em honra de Maria Pia de Sabóia, rainha de Portugal pelo seu casamento com o rei D. Luiz I é um Monumento Nacional da autoria de Gustave Eiffel, datada de 1877. Foi a primeira ponte ferroviária a unir as duas margens do Rio Douro, tendo sido empregues métodos revolucionários para a construção do vão, o maior da sua época. Após 114 anos de funcionamento, a ponte foi considerada obsoleta, tendo sido encerrada em 1991 e substituída pela Ponte de S. João, localizada a montante.



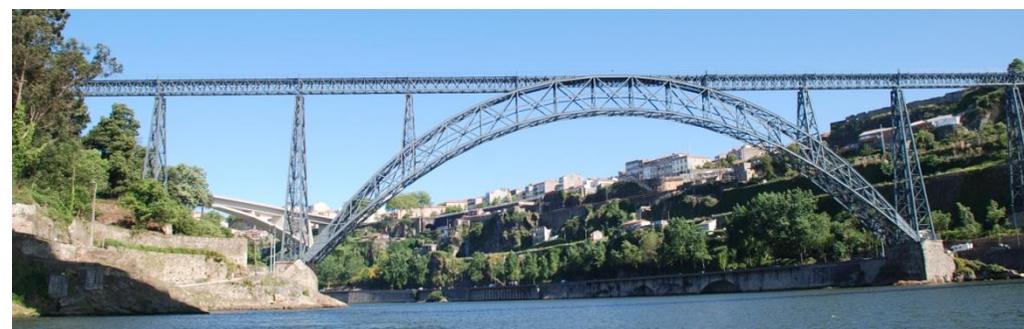
Memórias de Gaia através do Bilhete Postal Ilustrado, 2002



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

CASA DO REGISTO DE QUEBRANTÕES

OLIVEIRA DO DOURO

09



Helga Nair, 2011



Helga Nair, 2011

A Casa do Registo ou Barreira de Quebrantões, consiste numa construção antiga bastante adulterada, que apesar disso, mantém elementos construtivos indicadores de um passado recente. Um destes elementos é o brasão existente no edifício, que pela sua configuração, se enquadra no armorial português, como brasão real do fim da monarquia (1834 a 1910).

No âmbito económico, sabe-se que teve alguma importância para a Cidade do Porto e arredores, ao nível da fiscalidade, justificada pelo grande fluxo mercantil que circulava no Rio Douro até aos finais do século XIX, gerador de uma das maiores fontes de receita do Reino de Portugal, pela sua localização privilegiada, que antecede o cais da ribeira de Gaia e do Porto e pela acessibilidade franqueada, comprovada pela análise de alguns (dos muitos) documentos existentes no acervo do Arquivo Histórico Municipal do Porto – Casa do Infante.



PORTO—Ponte D. Maria Pia

Fonte: Repositório temático da Universidade do Porto - <http://repositorio-tematico.up.pt/>



Helga Nair, 2011



Eugénia Guedes, 2011

PONTE DE S. JOÃO

OLIVEIRA DO DOURO

10



Lauren Maganete, 2010

A Ponte de S. João, projectada pelo Engenheiro Edgar Cardoso, com vista a substituir a Ponte D. Maria Pia, deve o seu nome em honra do Santo da Cidade do Porto, tendo sido inaugurada a 22 de Junho, do ano 2001. A construção desta ponte ferroviária revelou-se inovadora e distinta das anteriormente construídas em arco, por ter sido adoptada uma solução em pórtico, apoiado em dois pilares fundados no leito do rio, constituindo actualmente um sistema padrão de construção mundial. Na margem sul do rio, na proximidade de um dos pilares da ponte, encontra-se o Outeiro do Castro – um denso arvoredado sobre a encosta.



Helga Nair, 2011



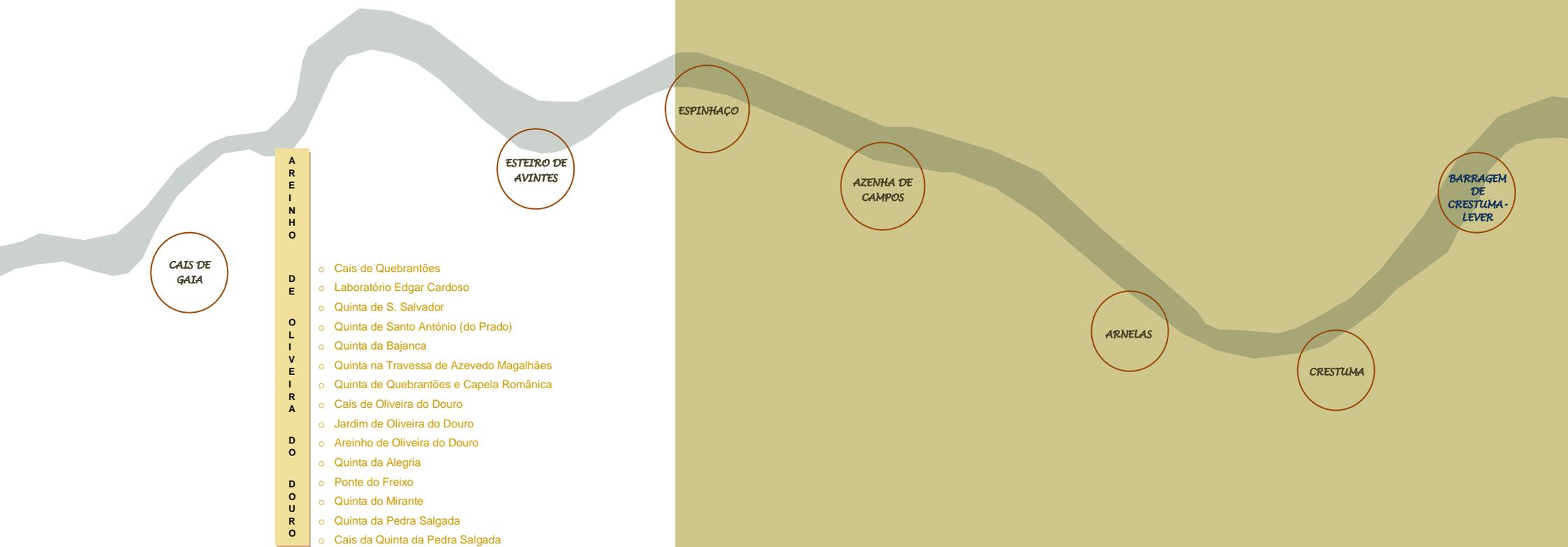
Paulo Oliveira, 2003



Paulo Oliveira, 2003



Isabel Castro, 2010



UNIDADE DE PAISAGEM 2 Areinho de Oliveira do Douro



Vista do Areinho e do Jardim de Oliveira do Douro na margem sul do Rio Douro cruzado por duas imponentes Pontes: a Ponte S. João e a Ponte D. Maria Pia.

Lauren Maganete, 2010

LABORATÓRIO EDGAR CARDOSO

OLIVEIRA DO DOURO

12



Helga Nair, 2011

O Laboratório Edgar Cardoso foi criado um pouco antes do início dos trabalhos da construção da Ponte S. João, para servir como laboratório estrutural de experimentação de materiais e de soluções construtivas para a ponte.

Estas instalações, que incluem um auditório, não estavam a ser utilizadas praticamente desde a conclusão da obra da Ponte S. João.

Depois de diversas tentativas efectuadas desde essa altura, o Município conseguiu celebrar recentemente com a REFER um contrato de concessão de uso privativo destas instalações com vista à sua preservação e reabilitação para actividades associadas ao rio e à navegação, bem como à realização de acções e exposições ligadas à ciência e à tecnologia.

Entretanto o Município celebrou um contrato-programa de desenvolvimento desportivo com a Federação Portuguesa de Canoagem, que já instalou a sua sede no Laboratório Edgar Cardoso e funcionará como parceira do Município na reabilitação e dinamização destas instalações, que constituem um equipamento estratégico para a regeneração urbana da zona da cidade em que se situam.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2011



Por entre as frondosas folhagens das matas ribeirinhas, do Vale de Quebrantões, descobrem-se resquícios de uma vida intrinsecamente ligada à terra: campos de cultivo, talhões e hortas, ramadas, pomares...



Paulo Oliveira, 2003

O Vale de Quebrantões é delineado por vários ribeiros, que conferem um elevado interesse paisagístico e ecológico a este local. Apesar da degradação das suas margens, encontram-se ainda belos percursos pedonais sombreados pela vegetação ribeirinha, composta por extensas manchas de carvalhais, choupais e salgueirais.

Ao longo da Ribeira do Gonçalo, também denominada de “Fontinha”, de “Sequelos”, da “Fonte Formosa” ou de “Quebrantões”, surgiam outrora os moinhos de cereais que detiveram grande importância no século XVII, sendo que a maior parte estava localizada na «Quebrada da Madalena». Aqui o curso de água adquiria maior volume, favorecido pelo terreno acidentado, o que permitia um maior aproveitamento da queda das águas. Os moleiros eram responsáveis pela água do ribeiro, tendo direito à sua posse e obrigação de a vigiar até às nascentes em Cravel. Era também nas ribeiras que as lavadeiras desempenhavam as suas tarefas de lavagem da roupa das freguesas, que marcaram a cultura portuguesa, hoje recordadas pelas lendas, contos e cantigas.

Fonte: <http://www.geocities.ws/oliveiradouro/htm/cultura.html>



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Paulo Oliveira, 2003

No vale espraiado sobre o Rio Douro, a poente da Ponte S. João, destacam-se os campos férteis limitados pelas ribeiras e suas galerias ripícolas, de elevada beleza paisagística e interesse ecológico. Ainda hoje, neste vale agrícola, se pode assistir ao pastoreio e ao cultivo destes campos, que outrora abasteciam a região com cereais e hortícolas. Estes terrenos integram-se na Reserva Agrícola Nacional - RAN, correspondendo a terraços de aluvião e a áreas inundáveis de leito de cheia. O vale encontra-se actualmente subdividido em cinco unidades cadastrais que correspondem à Quinta de S. Salvador, Quinta de Santo António, Quinta da Bajanca, Quinta da Travessa de Azevedo Magalhães e Quinta de Quebrantões.

Fonte: <http://www.geocities.ws/oliveiradouro/htm/cultura.html>



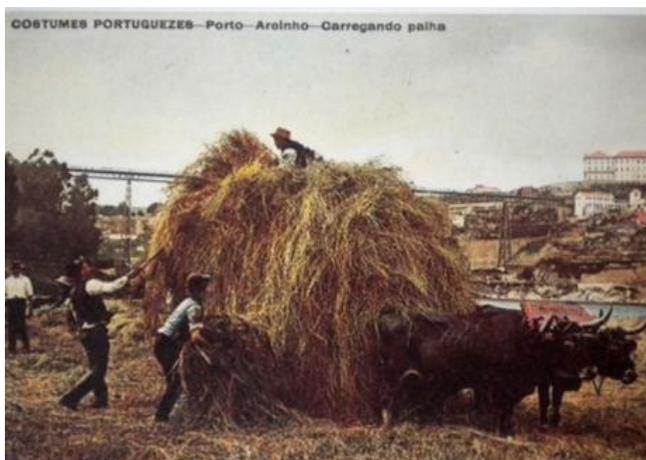
Helga Nair, 2011



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Memórias de Gaia através do Bilhete Postal Ilustrado, 2002



Isabel Castro, 2010



Isabel Castro, 2010



*Por entre os campos e prados do vale fértil de Quebrantões,
passeia-se alheio à realidade urbana que se edifica aqui tão perto.*

QUINTA DE S. SALVADOR

OLIVEIRA DO DOURO

13



Site Estalagens de Portugal (Disponível em <http://www.estalagensdeportugal.com>)

A Quinta de S. Salvador localiza-se a cerca de 6,6 Km da foz do Rio Douro e ocupa uma área de 1,55 hectares. Apesar de não ser marginal ao Douro, localiza-se a meia encosta, beneficiando de excelentes vistas para o rio. Faz parte de um conjunto historicamente designado por Quinta de Quebrantões, dividida na Quinta de Cima e Quinta de Baixo – sendo esta última a actual Quinta de S. Salvador. Constituída por uma “*Mansão senhorial oitocentista, formada por um complexo de corpos adossados entre si e implantados num plano horizontal formando uma casa com capela de porte simples mas elegante*” (Gaiurb EEM, 2007).

“*Remontam ao séc. XV as origens desta propriedade, associada à família dos Pintos desde do séc. XVI*” (Gaiurb EEM, 2007). Hoje, com profundas alterações ao traçado original da casa, a quinta foi transformada em unidade hoteleira, com 7 quartos duplos, restaurante e 5 salões para realização de eventos – que oferece logo à chegada aos visitantes “fruta fresca, água mineral e Vinho do Porto”.



Helga Nair, 2011



Helga Nair, 2011



Gaiurb EEM, 2007



Gaiurb EEM, 2007



Helga Nair, 2011



Helga Nair, 2011

QUINTA DE SANTO ANTÓNIO (DO PRADO)

OLIVEIRA DO DOURO

14



Bing Maps



Helga Nair, 2010

Localizada a 7 Km da foz do Rio Douro, imediatamente a montante da Ponte de S. João. A proximidade dos centros de V.N. Gaia e Porto e de vias, como o IC23 e a Avenida D. João II, contribuem para uma forte pressão urbana – ameaça à preservação do carácter rural e agrícola de todo o vale onde se situa a quinta.

A área total da propriedade é de 7,7 hectares e terá sido parte da “Quinta de Guimarães”, antiga designação da “Quinta de Quebrantões”, bem como da parcela agrícola a Norte, que faz a ligação com o Rio Douro. É limitada a Norte por um pequeno ribeiro, que juntamente com a vegetação ripícola presente, constituem um elemento de valor ecológico a preservar. É contígua a várias outras, entre as quais a de S. Salvador e a da Bajanca.

A quinta divide-se essencialmente em 3 zonas: a cota mais baixa, com risco de cheia, uma área mais plana caracterizada por um mosaico de parcelas agrícolas, divididas por alinhamentos de choupos; em cotas um pouco mais elevadas, encontra-se o edificado, algo descaracterizado, não apresentando por isso grande interesse - excepção feita para os espigueiros, marcos da actividade agrícola de outrora e por isso, parte do património cultural; nas áreas mais declivosas, de cota superior, situam-se as áreas florestais, embora muitas delas estejam algo degradadas, sem coberto vegetal – facto que aumenta ainda mais o risco de erosão.

Em termos de PDM, a maioria da área da quinta está integrada em Estrutura Ecológica Fundamental, tratando-se de uma área em leito de cheia, sendo também a maioria dos solos abrangidos pela RAN e REN.



Helga Nair, 2010



Bing Maps



Bing Maps

QUINTA DA BAJANCA

OLIVEIRA DO DOURO

15



Bing Maps

A Quinta da Bajanca situa-se num terreno na proximidade da Rotunda Gil Eanes, em Oliveira do Douro, limitado por muros de granito.

Actualmente, parte da quinta alberga um campo de treino de cães.

A entrada para a quinta é ladeada por choupos de grande porte e no terreno, onde se encontra uma casa antiga restaurada, avista-se uma belíssima paisagem sobre o Porto e sobre o Rio Douro.



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Helga Nair, 2011



Isabel Castro, 2011

QUINTA NA TRAVESSA DE AZEVEDO MAGALHÃES

OLIVEIRA DO DOURO 16



Bing Maps

A Quinta na Travessa de Azevedo Magalhães, situada no número 8 da Travessa Azevedo de Magalhães, é ladeada por um alto muro de granito.

Trata-se de uma quinta urbana, integrada no Vale de Quebrantões. A entrada da quinta é feita por um portão de grades de ferro que conduz a um percurso, sombreado por uma bela ramada até aos edifícios de pedra, entre os quais se destacam duas casas, uma eira e um espigueiro.

Em termos paisagísticos, a quinta destaca-se pela presença de campos de cultivo, oliveiras e algumas folhosas.



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Bing Maps



Isabel Castro, 2011

QUINTA DE QUEBRANTÕES E CAPELA ROMÂNICA

OLIVEIRA DO DOURO

17



Paulo Oliveira, 2003

Remontam ao séc. XIV as referências à existência da Quinta de Quebrantões. Desde o séc. XVIII pertence à família Campo Bello, tendo sido fundada no século XIV por um guerreiro da Batalha de Aljubarrota, 1º Senhor de Gaia. Fazia parte do já referido conjunto da Quinta de Guimarães, a par de outras quintas do Vale de Quebrantões, ainda hoje contíguas a esta, como as quinta da Bajanca e de Santo António do Prado e de outras sem designação conhecida.

Os actuais pontos de referência são: o brasão da família Leites Pereira, ligada posteriormente à família Campo Bello e a Capela Românica dedicada à Nossa Senhora da Conceição, identificada como património de interesse arquitectónico, na carta de salvaguardas da planta de ordenamento do PDM, em vigor.

Está localizada entre a Ponte S. João e a Ponte do Freixo, a cerca de 7,2 Km da foz do Rio Douro e apresenta uma frente de rio de 275 metros. A forte pressão antrópica está bem patente no seu limite Sul, o Nó de Gervide do IC 23, tendo a construção do mesmo originado o corte de parte da quinta. Os terrenos que totalizam uma área de 26,35 hectares, são limitados a este e atravessados a norte por linhas de água, importantes pelo seu valor ecológico, enquanto corredores ribeirinhos.

A organização da propriedade, aparenta ter resultado da junção de duas quintas. Assim, apresenta duas zonas distintas de produção agrícola, uma a Sul, outra a Norte, surgindo junto ao Rio Douro alguns talhões de cultivo de menor escala. Associadas a estas, estão duas áreas edificadas distintas, residência de caseiros, que apesar de descaracterizadas, apresentam elementos de interesse, como a já referida capela e os espigueiros existentes. Nas zonas mais declivosas, surge uma vasta mancha florestal, de densidade variável.

A importância ecológica do local está bem patente na sua inclusão em termos de PDM, com a excepção do espaço de enquadramento ao IC23, na Estrutura Ecológica Fundamental. A propriedade encontra-se localizada numa área em leito de cheia e é também abrangida por áreas de RAN e REN.



Gaiurb EEM, 2007



Gaiurb EEM, 2007



Gaiurb EEM, 2007

CAIS DE OLIVEIRA DO DOURO

OLIVEIRA DO DOURO

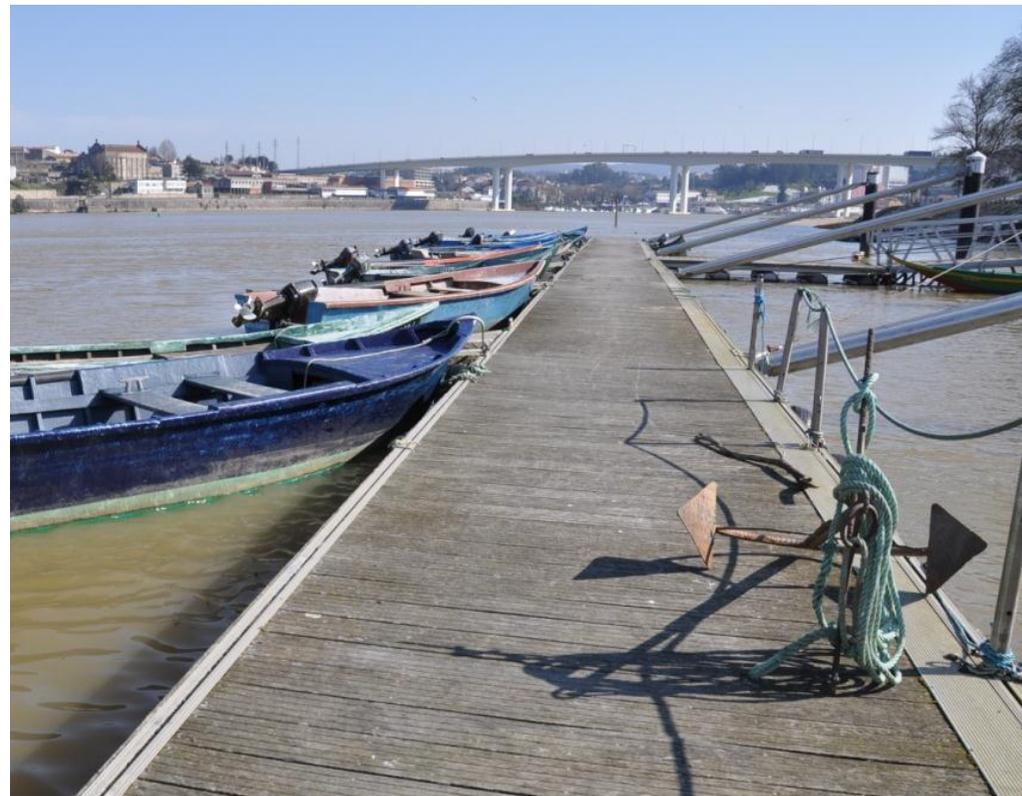
18



Bing Maps

O Cais de Oliveira do Douro, situado a jusante do Areinho de Oliveira do Douro, antes da Ponte do Freixo e defronte à Marina do Freixo, ao Palácio do Freixo e ao Museu da Imprensa na margem esquerda do rio (todos eles se localizam a montante da Ponte do Freixo).

O Cais é constituído por plataformas para embarcações de recreio e por uma rampa de varar, tendo acesso pelo Jardim de Oliveira do Douro. Do cais, avista-se do outro lado da margem a belíssima Quinta da China e o arvoredo dos Jardins Nova Sintra na freguesia do Bonfim.



Lauren Maganete, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

JARDIM DE OLIVEIRA DO DOURO

OLIVEIRA DO DOURO

19



Marta Terra, 2011

O Jardim de Oliveira do Douro, situado entre o Vale de Quebrantões e o Areinho de Oliveira do Douro, é um espaço que exerce a função de parque de merendas aos visitantes. Dotado de algumas mesas e bancos de apoio, o jardim conta ainda com uma fonte antiga e um extenso arvoredo composto por plátanos de grande porte, que sombreiam o espaço com vista para o Rio Douro.

Justaposto ao Jardim, encontra-se um recinto desportivo de terra batida, conhecido por Campo do Areinho.

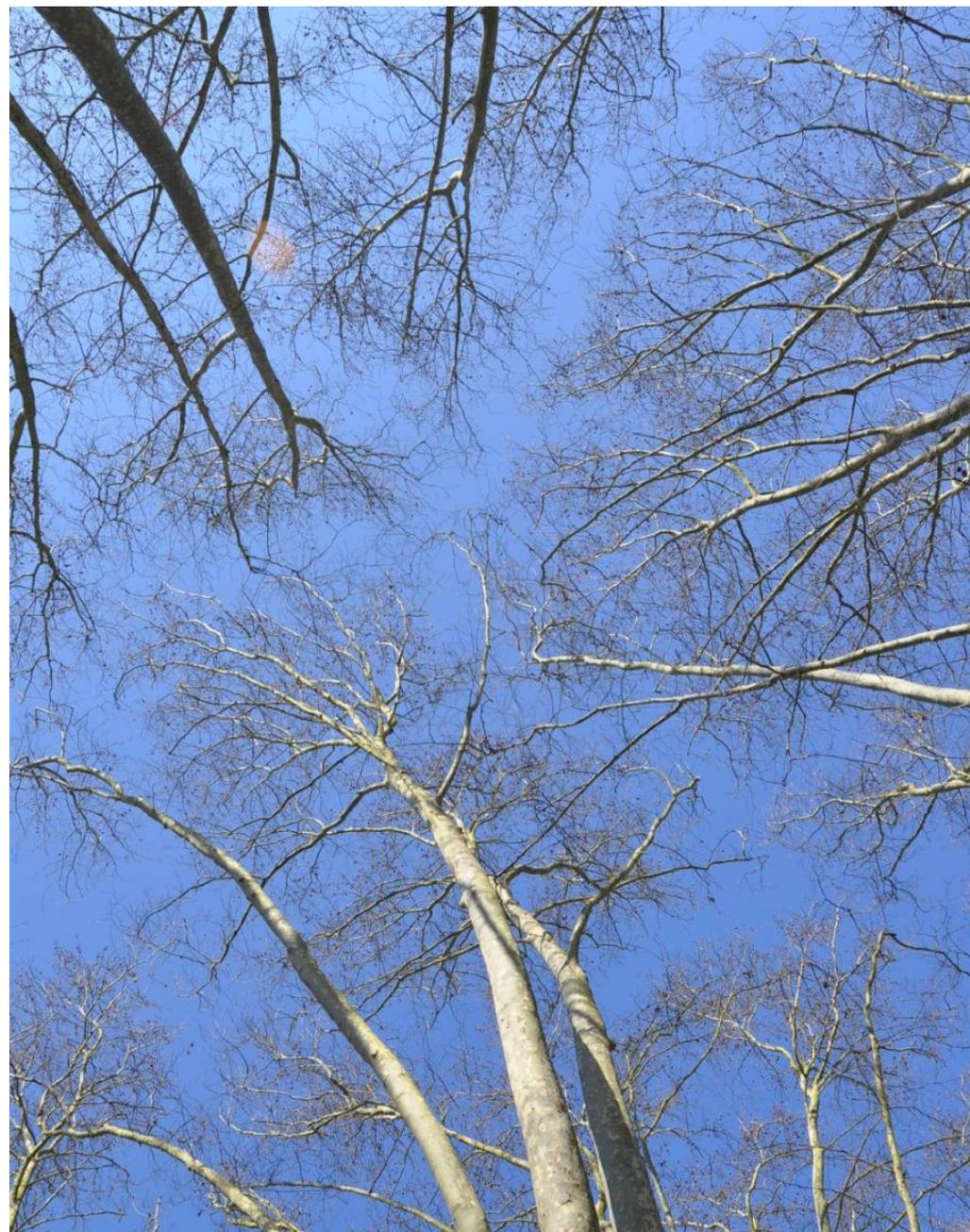
Actualmente, este jardim constitui o único espaço verde formal, na área abrangida pela proposta Paisagem Protegida Local.



Lauren Maganete, 2010



Helga Nair, 2010



Isabel Castro, 2011



Espelham-se nas águas as silhuetas dos Plátanos, eternos observadores das vivências quotidianas do Rio e das suas gentes.

AREINHO DE OLIVEIRA DO DOURO

OLIVEIRA DO DOURO

20



Paulo Oliveira, 2003

O Areinho de Oliveira do Douro, situado a cerca de 7 km da foz do Rio Douro, tornou-se ao longo dos séculos, pela sua candura, num espaço aprazível de encontro do Homem com o rio. É neste local que o rio se meandra e gera um vincado ponto de inflexão, onde outrora um Facho (hoje em dia situado sob a Ponte do Freixo) controlava e vigiava os barcos que nele navegavam. O Areinho voltou-se num dos locais de eleição para os artistas, pintores e escritores portugueses, inspirados pela sua beleza natural e pelas suas gentes, que o animavam e moldavam. Aqui, o leito do rio alarga-se, formando uma ampla bacia de lisura, propícia às práticas de pesca e de recreio balnear.

Outrora uma importante pesqueira, assim referida no Foral de 1512, o Areinho é hoje frequentado sobretudo para a prática balnear e para utilização de um recinto desportivo para a prática de futebol, denominado Campo do Areinho. Do outro lado do rio, ergue-se majestoso o Palácio do Freixo, junto à foz dos Rios Tinto e Torto, actualmente estrangulada pelo aterro da marginal, a Marina do Freixo e ainda o Museu Nacional da Imprensa.



Lauren Maganete, 2011

Travessia do rio pela brigada do General Inglês até ao Freixo para cortar a retirada das forças francesas



Fonte: Notas Monográficas sobre a Freguesia de Santa Eulália e Oliveira do Douro

Vista do Areinho, praia de banhos



Fonte: Notas Monográficas sobre a Freguesia de Santa Eulália e Oliveira do Douro

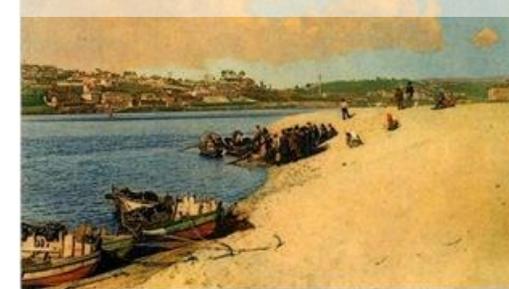
Areinho de Oliveira do Douro, Aurélia de Souza, (Anterior a 1908)



Fonte: SILVA, R., Aurélia de Souza, 2004

COSTUMES PORTUGUESES - Porto - Areinho - Pesca do Sável

Gravura sobre o Areinho de Oliveira do Douro



Fonte: <http://www.portoantigo.org/>

QUINTA DA ALEGRIA

OLIVEIRA DO DOURO

21



Paulo Oliveira, 2003

Com uma área de 3,71 hectares e localizada em frente ao Areinho de Oliveira do Douro, a 8 Km da foz do Rio Douro, a Quinta da Alegria ocupa uma frente de rio de 240 metros. É limitada a Este e Sul pelo IC23, que faz a ligação à Ponte do Freixo, cuja construção foi concluída em 1995 e que atravessou a quinta, dividindo-a em duas áreas distintas.

Deverá ter servido para habitação, fazendo parte de uma tipologia de Quintas de Recreio características do séc. XVIII, identificáveis pela vegetação ornamental junto da casa. De referir que muitas destas quintas estão hoje adaptadas para actividades hoteleiras.

Nesta quinta destaca-se a elevada aptidão agrícola dos terrenos, o património edificado, que embora considerado no PDM como estando em "ruína", apresenta algum interesse e possibilidade de restauro. Exemplo disso é o edifício de 2 pisos, de grandes dimensões, assente numa plataforma contida num muro de suporte de granito. Na época, o acesso principal era feito pelo rio, facto determinante para a localização da casa, que se desenvolve num eixo que potencia a contemplação do rio.

Sabe-se que já no séc. XX foi transformada para albergar instalações industriais, onde funcionou uma vacaria, a "Vacaria da Quinta da Alegria", cuja ruína do edifício ainda existe na parte posterior da casa, destacando-se o painel de azulejo que possui. Outro dos elementos construtivos a destacar, é o muro de granito que limita a quinta.

Encontra-se totalmente integrada em Estrutura Ecológica Fundamental e parcialmente integrada em REN. Encontra-se ainda integrada em Leito de Cheia e é identificada na Carta de Salvaguardas da Planta de Ordenamento do PDM em vigor, como elemento de interesse patrimonial.



Fonte: fotografia gentilmente cedida pelo Sr. Eng. Rodrigues dos Santos (proprietário da quinta) – Verão de 1973



Helga Nair, 2010



Lauren Maganete, 2010

PONTE DO FREIXO

OLIVEIRA DO DOURO

22



Helga Nair, 2010

A Ponte do Freixo foi projectada pelo Professor António Reis e pelo Engenheiro Daniel de Sousa e inaugurada a Setembro de 1995. Com um comprimento total de 750 metros, é a ponte mais a montante do Estuário do Rio Douro e que estabelece a ligação entre as auto-estradas para Viana do Castelo, Braga e Amarante (a Norte) e Aveiro, Coimbra e Lisboa (a Sul) através de duas pontes construídas lado a lado, afastadas de 10 cm.



Helga Nair, 2010



Paulo Oliveira, 2003



Paulo Oliveira, 2003



Lauren Maganete, 2010



Helga Nair, 2011



Paulo Oliveira, 2003

QUINTA DO MIRANTE

OLIVEIRA DO DOURO

23

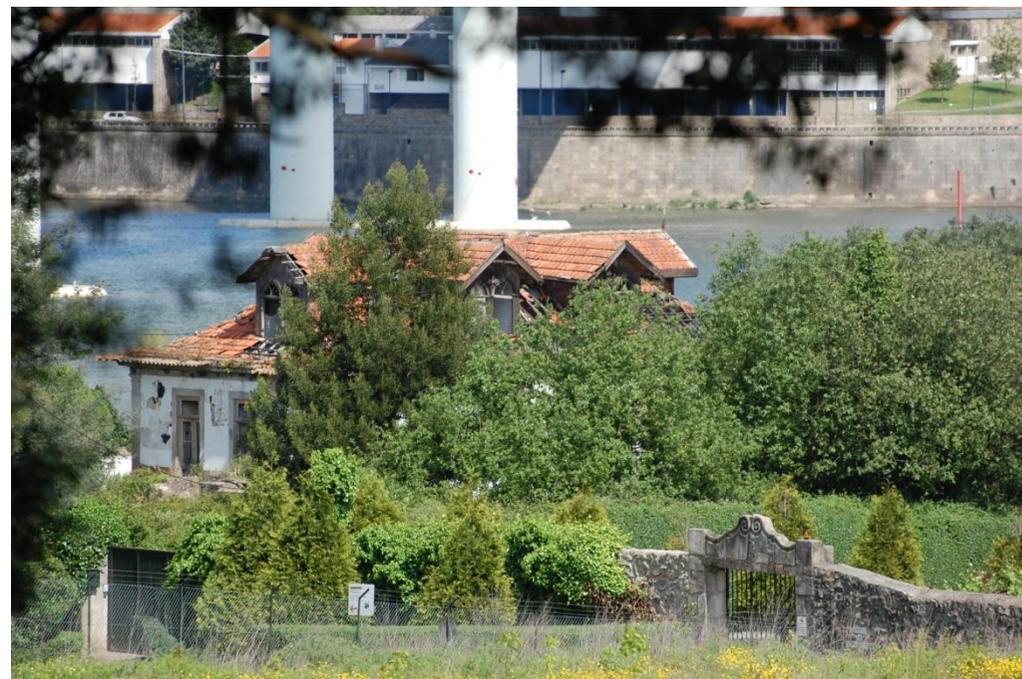


Paulo Oliveira, 2003

A Quinta do Mirante está localizada imediatamente a montante da Quinta da Alegria, junto ao antigo sapal e ao Areinho de Oliveira do Douro, a 8,4 Km da foz do Rio Douro. A área total de 0,5 hectares apresenta uma frente de rio de 65 metros. É contígua às Quintas da Alegria e da Pedra Salgada.

O edifício principal apresenta uma planta de base rectangular, simétrica, com 2 pisos e o eixo maior, a desenvolver-se perpendicularmente ao rio, orientado para a sua contemplação. Encontra-se abandonado, num avançado estado de degradação. Destaca-se, ainda assim, a existência de alguma vegetação ornamental de interesse junto a este.

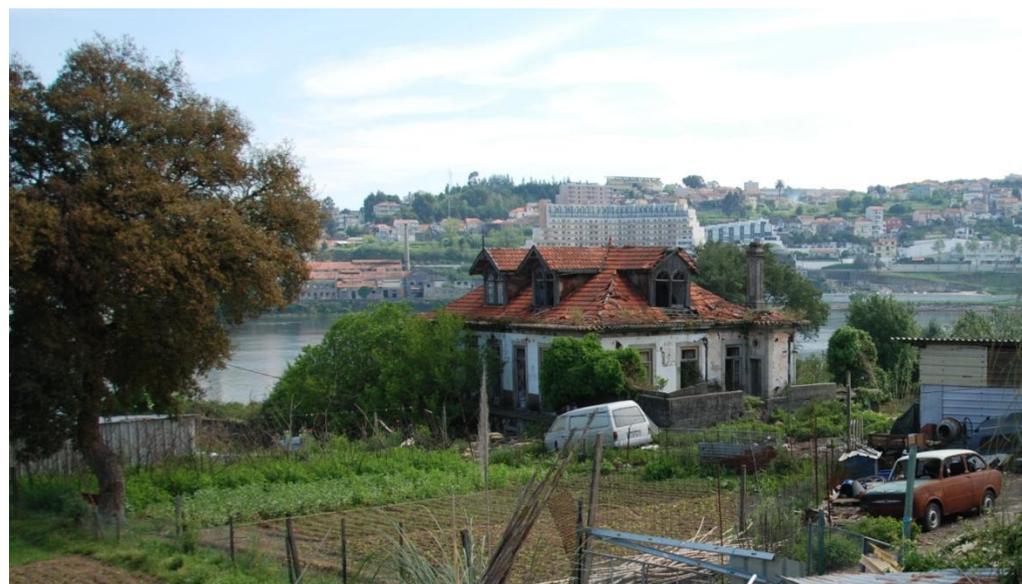
A totalidade da propriedade está incluída na Estrutura Ecológica Municipal e encontra-se quase na totalidade classificada como área com risco de cheia. O carácter do lugar está marcado pela presença da Ponte do Freixo e os restantes acessos, que têm uma expressão muito forte na paisagem envolvente.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

QUINTA DA PEDRA SALGADA

OLIVEIRA DO DOURO

24



Paulo Oliveira, 2003

Está situada a 8,6 Km da foz do Rio Douro, ocupando uma frente de rio de 220 metros. A propriedade é caracterizada pela Casa Senhorial do início do séc. XVIII, de 2 pisos e planta rectangular, sendo a fachada principal voltada para o Rio Douro. Nos cerca de 3,47 hectares que a constituem, destaque para existência de interessantes maciços de vegetação ornamental, bem como lagos, fontes e outros elementos decorativos.

O seu primeiro proprietário foi Daniel Bull, Cônsul Holandês no Porto, em 1712 (apesar de haver referências do “sítio” em 1128 e 1612). Em 1855 esta quinta estava ligada à família dos Viscondes de Balsemão. O topónimo “Pedra Salgada”, advém de até ao local chegarem as marés vivas, de água salgada. Apesar de só aparecer como lugar no censo de 1911, com 3 fogos e 20 habitantes, sabe-se que o nome é muito mais antigo.

A ligação da quinta com o rio é uma das características mais marcantes, estando bem patente, seja na implantação da casa, seja na forma como a propriedade se desenvolve até ao cais de pedra existente. O principal acesso à propriedade era feito pelo rio, existindo ainda o cais onde este se efectuava.

Graças à sua posição privilegiada, é uma das quintas mais referidas, nas antigas descrições desta zona do Rio Douro.

Actualmente, aproveitando o ambiente especial que a quinta proporciona, o espaço é explorado por uma empresa para a realização de eventos.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Helga Nair, 2010

CAIS DA QUINTA DA PEDRA SALGADA

OLIVEIRA DO DOURO

25



Helga Nair, 2010

O Cais da Quinta da Pedra Salgada, localiza-se em frente à entrada mais a montante da quinta.

É constituída por uma rampa de granito que se estende perpendicularmente desde a margem, até ao rio.

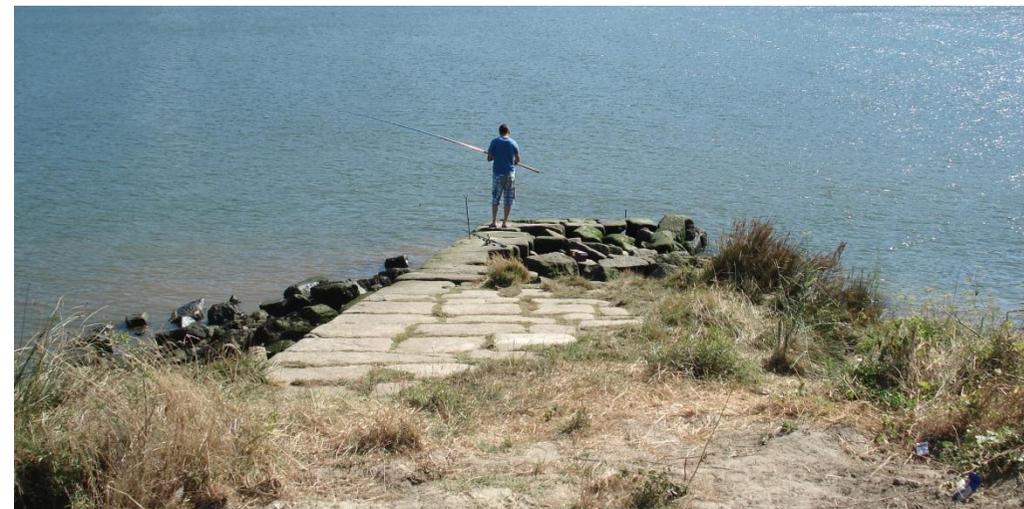
Encontra-se actualmente parcialmente destruída, servindo unicamente para a actividade piscatória.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

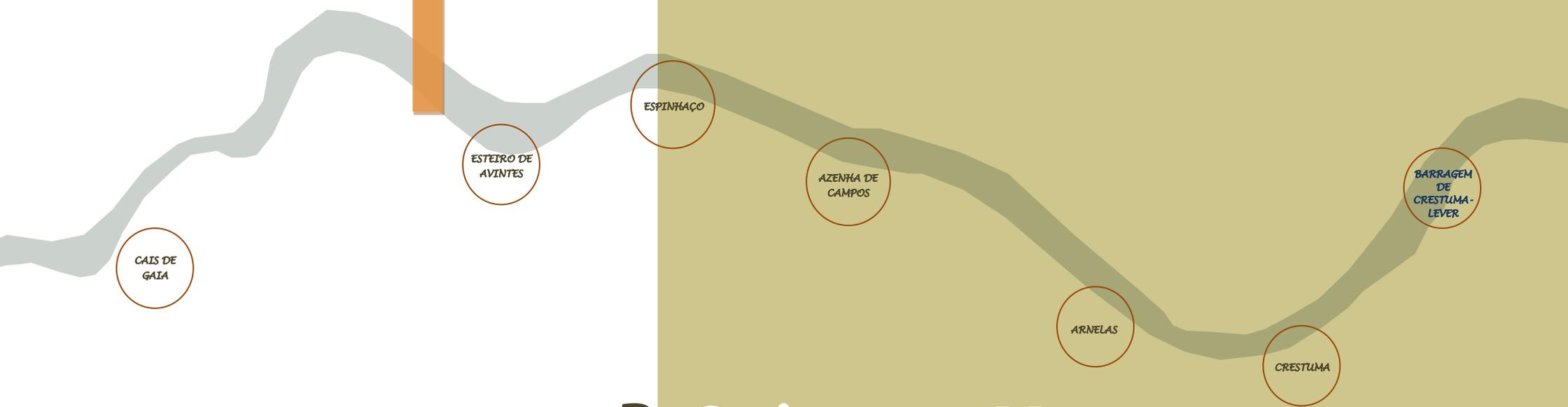


Helga Nair, 2010

- Q
U
I
N
T
A
S

E

M
A
T
A
S**
- o Quinta da Torre Bella
 - o Cais da Quinta da Torre Bella
 - o Quinta das Carvalheiras
 - o Cais da Quinta das Carvalheiras
 - o Quinta da Fonte da Vinha
 - o Cais da Quinta da Fonte da Vinha
 - o Cais da Quinta dos Cubos
 - o Quinta do Arcediago
 - o Quinta dos Frades
 - o Cais da Quinta dos Frades



UNIDADE DE PAISAGEM **3** Quintas e Matas

do Areinho à foz do Rio Febros



QUINTA DA TORRE BELLA

OLIVEIRA DO DOURO

26



Paulo Oliveira, 2003

A Quinta da Torre Bella está localizada a uma distância de 8,9 Km da foz do Rio Douro, imediatamente a montante da Quinta da Pedra Salgada. A propriedade estende-se por uma área de 4,87 hectares, ocupando uma frente de rio de 280 metros. Não se obtiveram na pesquisa referências históricas relevantes, desconhecendo-se o seu autor. O principal edifício, de 2 pisos, tem por base uma planta em L e apresenta uma arquitectura com traços revivalistas. A principal fachada é virada para o rio; no vértice comum às 2 alas, o edifício é alteado em mais um piso, numa clara estratégia de afirmação e contemplação na envolvente. Existe ainda uma ampliação posterior deste edifício, de 1 piso, bem como outras construções dispersas na propriedade, todas elas com menor importância que a principal.

A quinta desenvolve-se num patamar de cota superior ao rio, limitado por um muro que serve ao mesmo tempo de suporte e separação de um caminho pedonal, que circula a cota inferior, entre a quinta e o rio, dando acesso ao rio por uma rampa, à época da sua construção, bastante importante para o acesso à propriedade.

Actualmente foi instalada uma plataforma flutuante e rampa de acesso a embarcações de recreio.

No restante espaço surgem relvados pontuados por palmeiras e outras espécies ornamentais, ou maciços arbóreo-arbustivos que se salientam pelo seu valor florístico, colocados junto dos principais caminhos. Existem também algumas áreas de pastoreio, áreas de mata, pequenos lagos construídos e áreas de lazer, como campo de ténis e piscina.



Marta Terra, 2011



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Helga Nair, 2010



Lauren Maganete, 2010

CAIS DA QUINTA DA TORRE BELLA

OLIVEIRA DO DOURO

27



Bing Maps

O Cais da Quinta da Torre Bella localiza-se a nascente de um imponente muro de suporte de terras em granito que ladeia a quinta e que a separa de um caminho pedonal, marginal ao Rio Douro.

Esta quinta conta com o cais primitivo, constituído por uma rampa de granito e uma escadaria que a acompanha desde o rio, até a dois portões de acesso à quinta e ainda com um cais de construção mais recente, constituído por uma plataforma flutuante, destinado a embarcações de recreio, de pequeno porte, privativas da quinta.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

QUINTA DAS CARVALHEIRAS

OLIVEIRA DO DOURO

28



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

Situada a 9,1 Km da foz do Rio Douro, num terreno com 1,71 hectares, a Quinta das Carvalheiras ocupa uma frente de rio de 125 metros. Não se encontraram, na pesquisa efectuada, referências históricas do local. A quinta é dominada pelas 2 grandes construções existentes: uma casa que aparenta ser a principal, com 3 pisos, algo descaracterizada e que não apresenta por isso grande interesse do ponto de vista arquitectónico; e uma outra construção, aparentemente mais recente, grande parte dela tendo apenas 1 piso. Junto a estes, surgem outros elementos construídos, como é o caso da piscina e do pátio existentes.

Ganha uma forte importância por ser contígua às Quintas da Torre Bella e da Fonte da Vinha, fazendo parte de um conjunto de quintas marginais ao Rio Douro, confrontando a Norte com um percurso paralelo ao rio, limitado pelos muros destas e pontuado pelos diferentes cais que eram, em tempos, o principal acesso às propriedades. As características peculiares da vegetação arbórea das quintas, como é o caso desta, contribuem também para o interesse e conforto deste percurso.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

CAIS DA QUINTA DAS CARVALHEIRAS

OLIVEIRA DO DOURO

29

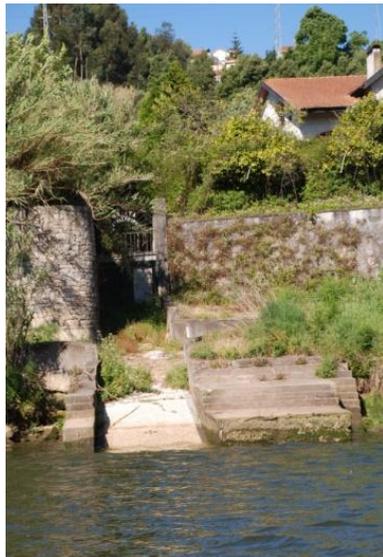


Bing Maps

Fora do muro está localizado um pequeno ancoradouro que deve ter servido a quinta no passado, tendo sofrido no entanto algumas intervenções, apresentando um carácter diferente daquele que deveria ser o original.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

QUINTA DA FONTE DA VINHA

OLIVEIRA DO DOURO

30



Paulo Oliveira, 2003

Imediatamente a montante da Quinta das Carvalheiras, surge a Quinta da Fonte da Vinha. Tem uma área total de 3 hectares e dista 9,3 quilómetros da foz do Rio Douro, ocupando uma frente de rio de 285 metros. O edifício original, de 2 pisos, planta rectangular e com o eixo maior paralelo ao rio, está neste momento a ser remodelado, devido à transformação da quinta num hotel de charme 5 estrelas. O Fonte da Vinha Hotel & Spa terá “34 unidades de alojamento, restaurante, bar, spa, 3 salas polivalentes, uma loja gourmet, sala de congressos e ainda um cais para embarcações de recreio”. (GAIURB EEM, 2011)

Em relação à quinta original, destaque para o antigo jardim formal em frente à casa, cujo elemento central – uma fonte – ainda se encontra em funcionamento. Neste marcam presença 2 cedros e uma palmeira, todos de grande porte, bem como camélias de tamanho considerável.

Ao longo de toda a propriedade, bem como no limite desta, destaque para os diversos muros de alvenaria, uns com maior valor estético que outros, mas todos marcando o carácter desta quinta, em terrenos com uma pendente que começa a ser já considerável.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

**CAIS DA
QUINTA DA
FONTE DA
VINHA**

OLIVEIRA DO DOURO

31



Bing Maps



Clube de Colecionadores de Gaia, Postal Ilustrado, Polo aquático F.C. Porto campeão nacional, 1932

O Cais da Quinta da Fonte da Vinha, existente junto ao rio, a cota mais baixa, garantia o acesso à quinta e pela sua dimensão percebe-se que era um importante local de embarque.

Esse acesso é ainda hoje possível através das rampas de acesso e do portão existente no extremo Norte da quinta.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Lauren Maganete, 2010

CAIS DA QUINTA DOS CUBOS

OLIVEIRA DO DOURO

32



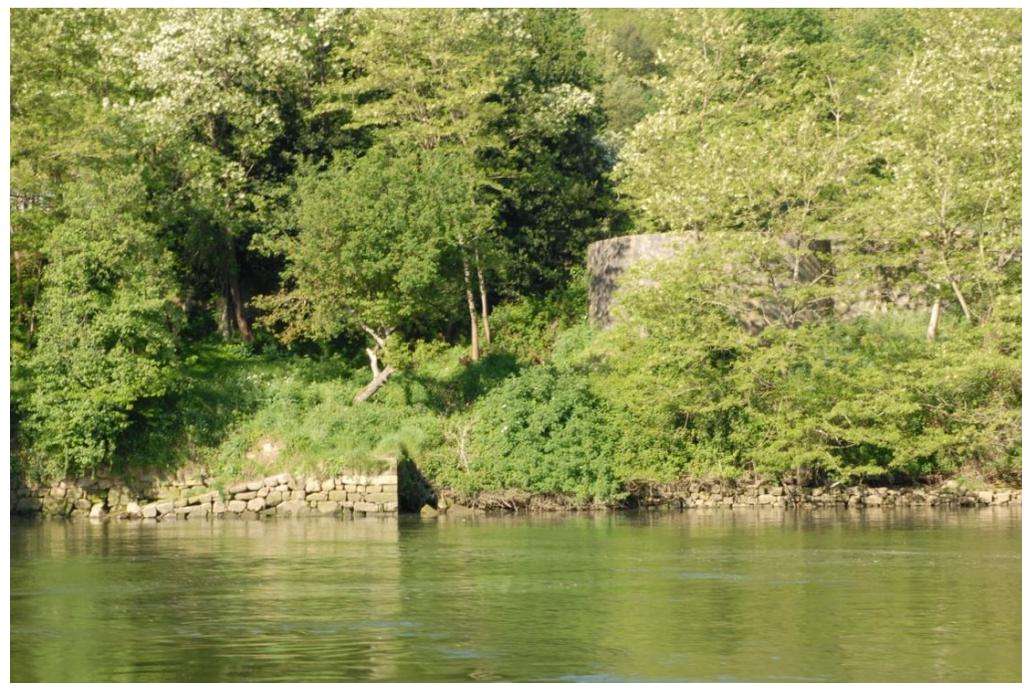
Bing Maps

O terreno correspondente à antiga Quinta dos Cubos foi objecto de uma operação de loteamento durante os anos 80. Está situado a 9,6 Km da foz do Rio Douro, entre a Quinta da Fonte da Vinha e a Quinta do Arcediago, e ocupa uma frente de rio de 275 metros. A área de 8,58 hectares foi descaracterizada pela construção do IP1, actualmente A20, pelas obras de urbanização realizadas e pelas construções entretanto edificadas, podendo-se dizer que a Quinta dos Cubos, enquanto quinta, já não existe.

No entanto, resta ainda o antigo cais da quinta, servido pela antiga Rua da Fonte da Vinha (desactivada pela construção do IP1) e vulgarmente conhecida como “Caminho dos Afogados”, perpendicular ao rio e pelo caminho pedonal paralelo ao rio, que estabelece a ligação entre as quintas e o mesmo, testemunho da existência da quinta e do acesso que a esta se fazia a partir do Rio Douro.

O cais é constituído não por um avanço sobre o rio, mas por uma rampa constituída por belas pedras de granito. Aproveitando o muro de suporte existente, a rampa “mergulha” no rio paralelamente à margem, conseguindo vencer desta forma o desnível entre o rio e o caminho referido. Carece de uma grande reparação, uma vez que algumas das referidas pedras estão deslocadas e outras caídas.

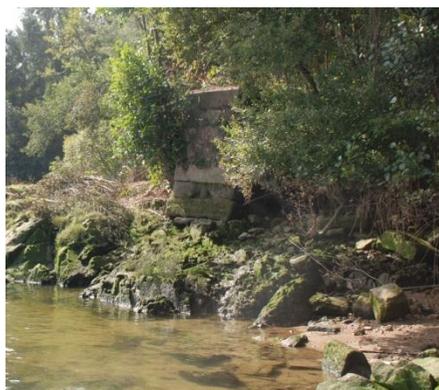
De salientar ainda uma pesqueira existente na outra extremidade da Quinta dos Cubos, ligada à história da pesca do sável, da lampreia, da tainha, de bogas, de mugens e de barbos.



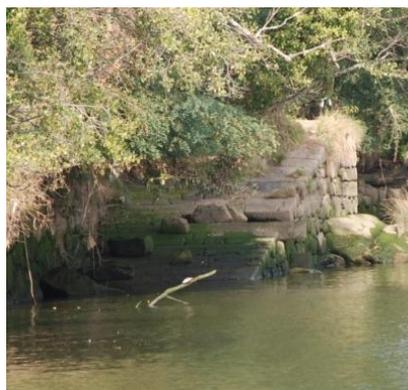
Marta Terra, 2011



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

QUINTA DO ARCEDIAGO

OLIVEIRA DO DOURO

33



Isabel Castro, 2011

No séc. XV foi criado o Arcediago de Oliveira do Douro, pelo Cabido do Porto. O Arcediago era o clérigo que ajudava o bispo no poder da jurisdição e na administração dos bens da diocese. O de Oliveira do Douro era obrigado a visitar, em nome do Bispo, toda e qualquer uma das igrejas, mosteiros, lugares e pessoas do julgado de Gaia: constituído pelas freguesias de Mafamude, Oliveira do Douro, Avintes, Vilar de Andorinho, Canelas, Lever, Sandim, Arcozelo, Gulpilhares, Vilar do Paraíso, Valadares, Madalena e Canidelo.

De uma quinta que seria decerto muito mais extensa, resta hoje apenas uma pequena parte: uma propriedade de mais de 5 hectares, situada a cerca de 9,8 Km da foz do Rio Douro, tendo sido cortada pelo traçado do IP1, actualmente A20, paralelo ao Rio Douro neste local, estando por isso dividida em 2 terrenos.

A parcela de cota mais baixa estende-se até ao Rio Douro, apresentando uma frente ribeirinha de 100 metros. Caracteriza-se pela encosta maioritariamente florestada por eucalipto e pinheiro. Apresenta interesse enquanto espaço-tampão da A20 e por se tratar de um contínuo florestal em áreas bastante declivosas, atenuando o risco de erosão.

A parcela de cota mais alta, a Oeste, situa-se junto ao Centro Paroquial e ao Cemitério de Oliveira do Douro. Existem aqui vários elementos inventariados nas fichas de património do PDM, pelo interesse patrimonial urbanístico, paisagístico, arquitectónico ou arqueológico: a Alameda de Santa Eulália, principal acesso ao local; a Igreja Paroquial de Oliveira do Douro; a Capela de Santa Eulália (Capela Mortuária).

O acesso, livre e público, é feito a partir da praça adjacente à igreja Paroquial, para um espaço onde se encontra um choupal, preenchido por um parque de merendas, bem como tílias, fiteiras e outras espécies, ou um notável sobreiro. Existem vários muros ou escadas de granito, bem como um tanque ou lagar, enquadrados por bordaduras de rosas ou hortênsias. Destaque ainda para uma casa em granito, com a correspondente eira e para um pequeno anfiteatro construído abaixo desta, junto a um maciço rochoso. Encontram-se também nesta propriedade pequenas hortas cultivadas.

Da cota alta da propriedade, obtêm-se excelentes vistas para o Areinho de Avintes, a montante e para o Areal de Gramido em Valbom, do outro lado da margem.



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011

QUINTA DOS FRADES

OLIVEIRA DO DOURO

34



IHRU, Ficha de 1994 (Fotografias anteriores a 1993)

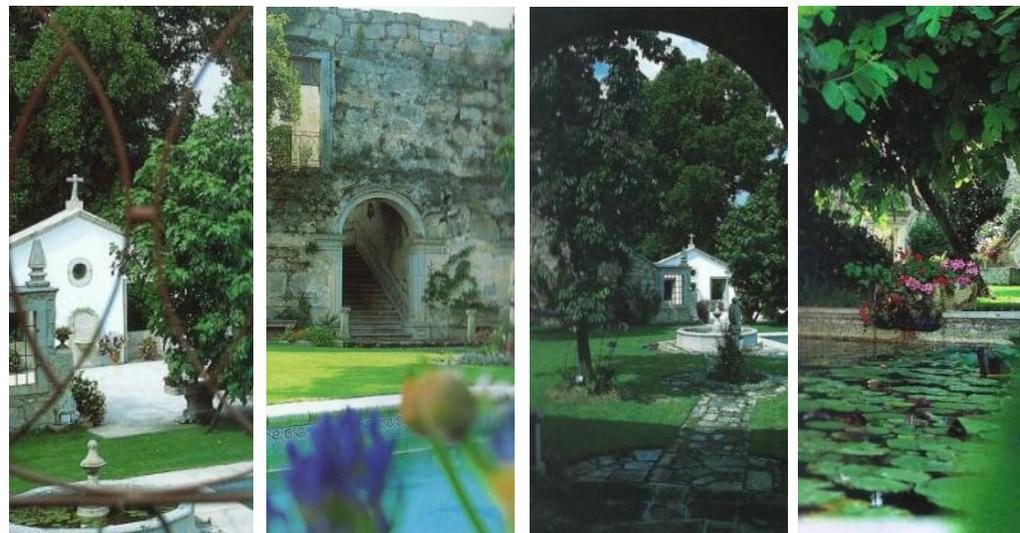
A Quinta dos Frades, também conhecida por Quinta de Nossa Senhora da Conceição e mais recentemente e vulgarmente por Quinta dos Ingleses (por ter sido adquirida por uma família inglesa), está situada a 10,2 Km da foz do Rio Douro e junto à foz do Rio Febros, a jusante do Areinho de Avintes e apresenta uma frente de rio de 135 metros. Com uma área de 9,87 hectares, faz parte de um conjunto de propriedades rurais que dominavam o território de Oliveira do Douro.

Estava associada ao Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, que dava em tempos nome à quinta. O edifício religioso foi mandado construir em 1679 por António Leite de Albuquerque, ano em que se fundou a Real Congregação de Nossa Senhora de Oliveira do Douro, pelos Cônegos de S. João Evangelista, que actuavam principalmente no campo da assistência hospitalar. Assim, na vasta propriedade do seu fundador, localizada numa encosta sobre o Rio Douro, passaram a ser acolhidos sacerdotes doentes, cegos, etc., que não tinham meios de subsistência.

Com a extinção das ordens religiosas, a propriedade ficou em posse particular: em 1842 foi adquirida por Marcelino Máximo de Azevedo e Melo, primeiro Visconde de Oliveira; em 1873 vivia ainda na quinta a Viscondessa de Oliveira; em 1984 foi adquirida pela GAF, Lda..

No que toca aos elementos construídos, conserva-se o edifício seiscentista, composto por uma só nave, torre e ala conventual, disposto em torno de um pátio de forma pentagonal. Parte dele foi recuperado e adaptado para habitação. A Igreja, de planta linear e dimensão modesta, com cobertura apenas nas áreas correspondentes à capela-mor e à capela lateral, apresenta um elevado estado de degradação, apresentando no entanto fortes possibilidades de recuperação.

No site do IGESPAR é referido que o imóvel se encontra em vias de classificação – homologado como Imóvel de Interesse Público – de acordo com o despacho de 14 de Fevereiro de 1980 e com o despacho de homologação de 29 de Junho de 1976.



Revista Casa & Jardim, 1993



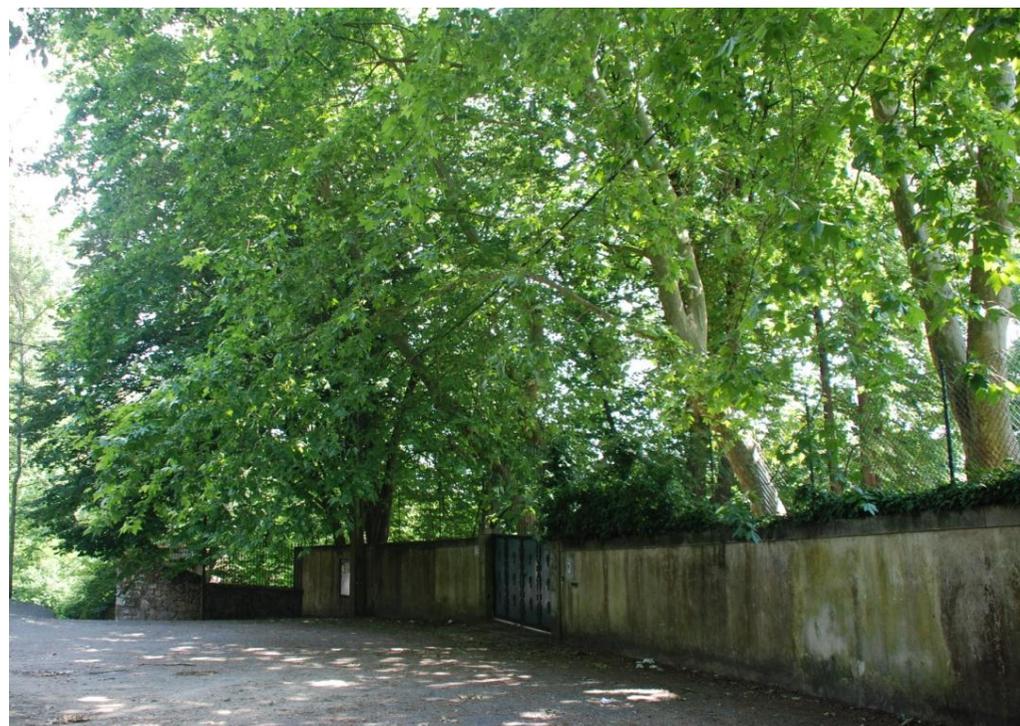
Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2011

CAIS DA QUINTA DOS FRADES

OLIVEIRA DO DOURO

35



Bing Maps

A cota mais baixa, junto ao rio, é bem visível o cais de acesso à Quinta dos Frades, que se fazia através de um portão existente junto a este. Por uma calçada que acompanha a vedação da quinta pelos seus limites a Poente e a Norte, é possível também aceder ao rio, na zona do cais. Este cais, actualmente é unicamente utilizado para actividades piscatórias. Encontra-se bastante degradado, carecendo de uma grande reparação, uma vez que algumas das suas pedras estão deslocadas e outras caídas.



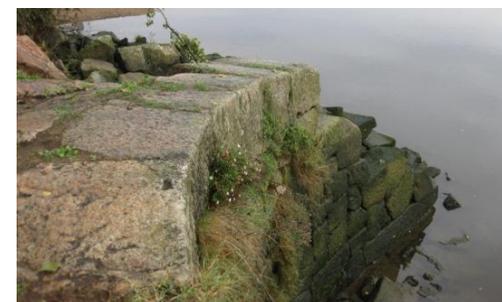
Marta Terra, 2011



Lauren Maganete, 2010



Helga Nair, 2010



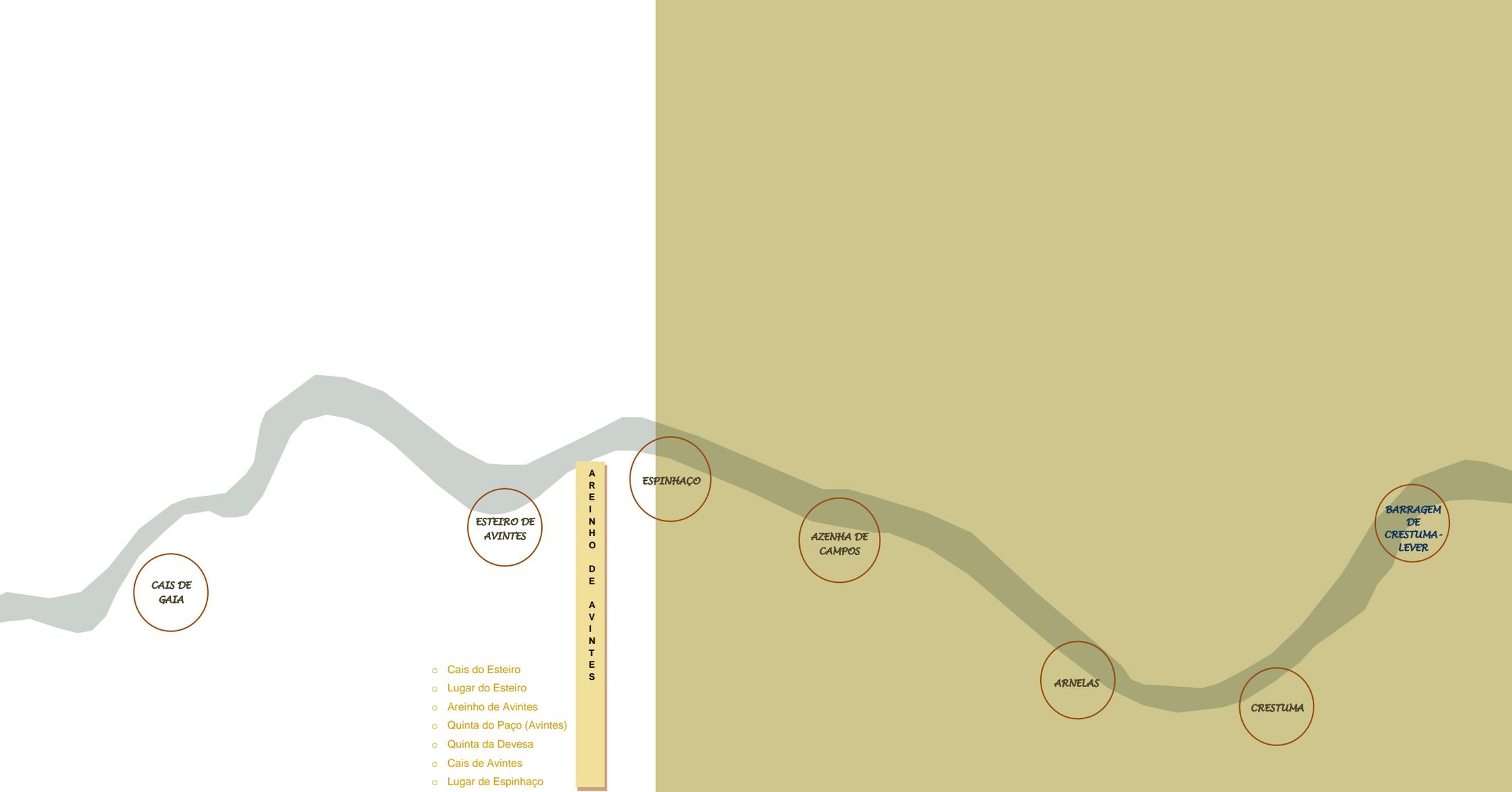
Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Lauren Maganete, 2010



UNIDADE DE PAISAGEM 4 Areinho de Avintes

CAIS DO ESTEIRO

AVINTES

36



Helga Nair, 2011

O esteiro, localizado frente a Valbom na outra margem, era palco de actividades como a pesca, o conserto das redes, a reparação de barcos e de local de embarque nos valboeiros com cobertura, onde as padeiras de Avintes, levavam à cidade, a sua famosa broa.

É no canal do Esteiro de Avintes que desagua um dos rios mais notáveis do Concelho de Vila Nova de Gaia, o rio Febros, rio outrora truteiro, afluente do rio Douro, a cerca de 10 km da sua foz. As águas deste rio eram utilizadas para a rega dos campos e outrora, para movimentar os moinhos de rodízio (164 em 1890), que se edificavam nas suas margens e moíam o cereal que abastecia os fornos de Avintes, sendo que em 1747 eram cozidos 96 carros de pão por semana e em 1854 já atingia a cifra dos 300 carros de pão por semana (Pacheco, 1986).



Isabel Castro, 2011



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

LUGAR DO ESTEIRO

AVINTES

37



Paulo Oliveira, 2003

O Lugar do Esteiro é um núcleo ribeirinho da Freguesia de Avintes, onde se destacam as ruas estreitas em que as fachadas das casas se voltam para o rio Febras, já perto da sua foz, onde se espreita o Cais do Esteiro, evidenciando a importância das actividades ligadas à faina fluvial.

É um núcleo antigo e bastante pitoresco, pese embora o facto de se encontrar num estado avançado de degradação, face à progressiva migração populacional para zonas mais centralizadas.



Lauren Maganete, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

AREINHO DE AVINTES

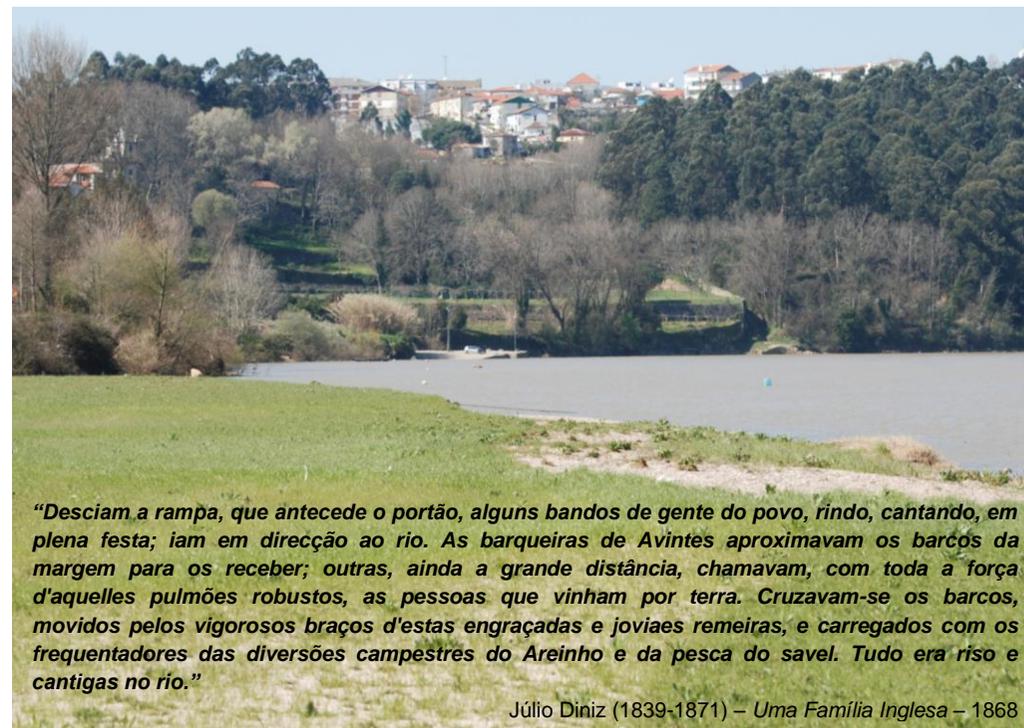
AVINTES

38



Paulo Oliveira, 2003

Na margem esquerda do Rio Douro, a montante do Lugar do Esteiro de Avintes, espraia-se o Areinho de Avintes, que tal como o Areinho de Oliveira do Douro, constitui uma área inundável de aluvião, onde o leito do sistema fluvial foi depositando sedimentos ao longo dos tempos, modelando uma planície serena e convidativa à prática balnear e às actividades ligadas à faina fluvial e à pesca. Outrora, vinham pelo Rio Douro acima até ao Areinho de Avintes, os barcos de pic-nic em passeio, que aportavam ávidos da famosa broa que aí se vendia. O Areinho é bordejado por uma frondosa alameda de espécies ripícolas que enquadram a paisagem.



“Desciam a rampa, que antecede o portão, alguns bandos de gente do povo, rindo, cantando, em plena festa; iam em direcção ao rio. As barqueiras de Avintes aproximavam os barcos da margem para os receber; outras, ainda a grande distância, chamavam, com toda a força d’aquelles pulmões robustos, as pessoas que vinham por terra. Cruzavam-se os barcos, movidos pelos vigorosos braços d’estas engraçadas e jovias remeiras, e carregados com os frequentadores das diversões campestres do Areinho e da pesca do savel. Tudo era riso e cantigas no rio.”

Júlio Diniz (1839-1871) – *Uma Família Inglesa* – 1868

Lauren Maganete, 2010



“Rio acima, as várzeas de Campanhã, de Ramalde e de Avintes resplandeciam com as esmeraldas da jovem Primavera.”

In O Arco de Sant’Ana de Almeida Garrett

Marta Terra, 2011



Helga Nair, 2010

QUINTA DO PAÇO

AVINTES

39



Paulo Oliveira, 2003

A propriedade de 8,06 hectares, está situada a 11,5 Km da foz do Rio Douro, junto ao Areinho de Avintes, confinando com este a Norte, numa faixa de 257 metros. Desenvolve-se em 3 áreas: a Norte, uma de cota mais baixa e baixos declives, com risco de cheia; uma intermédia onde assenta o edificado; a Sul, uma com declives acentuados e risco de erosão, coberta por uma pequena mancha florestal.

A origem da quinta remonta à Idade Média, estando assim bem próxima daqueles que seriam na época, os núcleos mais habitados da Freguesia: Avintes e Espinhaço. No século XVI foi construído o solar e a partir daí a propriedade foi pertença da família dos Almeidas, entre os quais D. Francisco de Almeida, 1º Vice-Rei da Índia ou, mais tarde, o Marquês de Lavradio e Conde de Avintes, cujo afilhado e procurador - o capitão de Infantaria João Luís do Couto Alão, viveu também na quinta. Merecem referência dois descendentes do capitão João Luís: Maria do Carmo Xavier, esposa de Teófilo Braga (2º Presidente da República Portuguesa) e Júlio de Matos (famoso psiquiatra). Já nos finais do séc. XIX era sua proprietária, a Viscondessa de Balsemão e o seu marido Roberto Guilherme Woodhouse.

O solar primitivo, cuja ruína ainda é visível, foi abandonado em meados do século XIX; na época, o Marquês do Lavradio mandou edificar um novo solar de família a cota superior, no local onde havia o celeiro, junto ao caminho de Avintes. O edifício de 2 pisos foi alvo de uma ampliação nos anos 80 que, embora tenha sido interrompida, o descaracterizou completamente. No exterior, mantêm-se ainda em funcionamento um fontanário.

A capela original do séc. XVII foi trasladada da sua localização original, junto do solar primitivo, para junto do novo solar, integrando o volume da casa; conserva ainda as armas dos Pereira-Brandão, bem como outros elementos característicos do período seiscentista.

A quinta é atravessada por uma pequena linha de água. Mais de metade da propriedade integra a Estrutura Ecológica Fundamental, sendo parte desta, correspondente a áreas de REN e RAN.



Fonte: Revista Caminho Novo – Restos do Solar primitivo, construído no século XVI



Helga Nair, 2010



Fonte: Revista Caminho Novo – Solar novo, construído em meados de séc. XIX



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

QUINTA DA DEVEVA

AVINTES

40



Bing Maps



Lauren Maganete, 2010

A Quinta da Devesa localiza-se a Sul da Quinta do Paço, na freguesia de Avintes, numa cota intermédia, entre a beira-rio e o aglomerado populacional mais próximo, pelo que daí se avista uma envolvente que inclui a margem Norte do Rio Douro.

Actualmente encontra-se devoluta e em estado avançado de degradação, carecendo de obras de restauro e reposição de todos os seus elementos característicos.

Desconhece-se o autor do projecto da quinta, no entanto importa referir, que se enquadra numa arquitectura erudita. Originalmente assentava numa planta em L formada por dois corpos que se intersectam na capela, tendo sofrido posteriormente grandes alterações a nível formal e volumétrico, pelo que se confunde uma leitura mais rigorosa. O conjunto localiza-se no interior da parcela e o percurso para a casa, acede ao pátio através de um arco por baixo do volume mais recente, o qual estabelece uma relação visual com o alçado da capela.

A capela apresenta-se num plano que intersecta o volume da casa na diagonal, voltando-se para a entrada do pátio. É constituída por três pisos, o térreo para arrecadações e o nobre para habitação (cujas entradas se perdeu). O alçado da capela salienta-se do conjunto pela nobreza do tratamento formal e pela escala dos vãos. (Gaiurb EEM, 2007)



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

CAIS DE AVINTES

AVINTES

41



Paulo Oliveira, 2003

O Cais de Avintes está situado a 13,50 Km da foz do Rio Douro, imediatamente a nascente do Areinho de Avintes, junto ao Lugar de Espinhaço, defronte ao Gramido.

O cais é constituído por uma plataforma flutuante para embarcações de pesca e de recreio de pequeno e médio porte e uma rampa em cimento de varar, que se estende e mergulha no rio.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2009

LUGAR DE ESPINHAÇO

AVINTES

42



Paulo Oliveira, 2003

O Lugar de Espinhaço, antiga colónia de pescadores já extinta, destaca-se pelas suas edificações ribeirinhas em terreno armado em socalcos e pela sua actividade piscatória ainda existente.

Constituído por caminhos muito estreitos e íngremes, por vezes vencidos com escadas, em calçada e/ou em cimento, são ladeados por muros de granito ou pelas fachadas dos edifícios.

Por entre pitorescas e fechadas tramas de caminhos, surge por vezes uma abertura na paisagem, de onde se vislumbra o Rio Douro.



Original de Paulo Oliveira, 2003 – alterada por Isabel Castro



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



QUINTAS
E
MATAS

- o Quinta de Espinhaço
- o Quinta do Gradouro
- o Quinta de Porcas
- o Quinta da Graceira
- o Cais da Quinta da Graceira
- o Quinta da Fundada
- o Lugar da Azenha de Campos
- o Cais da Azenha de Campos
- o Capela da Nossa Senhora dos Prazeres
- o Quinta na Rua da Azenha

CAIS DE
GAIA

ESTEIRO DE
AVINTES

ESPINHAÇO

AZENHA DE
CAMPOS

ARNELAS

CRESTUMA

BARRAGEM
DE
CRESTUMA-
LEVER

UNIDADE DE PAISAGEM **5** Quintas e Matas

de Espinhaço até Azenha de Campos



QUINTA DE ESPINHAÇO

AVINTES

43



Marta Terra, 2011

Situada junto à Rua dos Restauradores, no Lugar de Espinhaço, a Quinta de Espinhaço ocupa a encosta imediatamente a montante do Cais de Avintes, numa frente de rio de 195 metros. Tem uma área total de 1,34 hectares e dista 12,1 Km da foz do Rio Douro.

Num patamar de cota superior encontra-se um conjunto de edificações pertencentes à quinta que estão, contudo, abandonadas e fortemente degradadas. A sua posição na encosta declivosa permite uma dominância e amplas vistas: tanto sobre o resto dos terrenos da quinta, como sobre o próprio Rio Douro. Apesar da degradação verificada, destacam-se alguns elementos construídos que estão minimamente conservados, como é o caso do poço existente e as algumas estruturas associadas que, apesar de tudo, mantêm a sua estrutura base, em pedra.

Muitos dos terrenos pertencentes à quinta, bem como algum do edificado abandonado, estão cobertos por silvado e outras trepadeiras, como glicínias. Os esteios de granito, ainda existentes, típicos de Gaia, as espécies ornamentais como pinheiros, cedros e vários pés de figueira que vemos a crescer, no meio do silvado, são todos eles elementos que nos ajudam a perceber a existência desta quinta, enquanto espaço de produção e lazer.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

QUINTA DO GRADOURO

AVINTES

44



Lauren Maganete, 2010

A Quinta do Gradouro situa-se a 12,4 Km da foz do Rio Douro e embora não tenha confronto directo com o rio, estabelece com este uma forte relação visual. A propriedade, de quase 5 hectares, é caracterizada pelas áreas de encosta arborizadas, com declives acentuados, cenário que se repete na maioria das quintas a partir desta para montante.

“A Quinta do Gradouro tem toda a sua génese e actividade ligadas à água, sendo percorrida por várias minas, algumas com mais de 200 metros de comprimento, que se estendem até ao centro da vila. (...) A abundância de água de qualidade era uma fonte de rendimento em que através do ancoradouro eram carregadas as águas até à ribeira do Porto, onde eram vendidas.” (PEDED, 2008)

Existem diferentes portões de acesso à propriedade, todos eles devidamente identificados com o nome da quinta. A principal área edificada situa-se a uma cota mais elevada, no extremo Norte da quinta, numa posição que permite a contemplação do Rio Douro que corre, neste troço, de Sudeste para Noroeste. Junto a esta, existe um conjunto de clareiras ajardinadas, com áreas de relvado, que se estende até debaixo da sombra das vinhas, sustentadas pelos esteios de granito, cenário que dá ao jardim da casa, um certo carácter rural (o que já não se verifica para o campo de jogos ali existente).

Um pouco mais abaixo surgem algumas áreas de pasto para ovelhas, bem como uma área de cultivo pontuada com *Populus nigra 'Italica'* (choupos).

Nesta quinta, apesar de não haver um grande interesse quanto ao património construído, salienta-se o interesse do património natural, com uma grande diversidade de espécies arbóreas, entre sobreiros, carvalhos, choupos, plátanos, oliveiras, pinheiros-mansos e vários tipos de cupressáceas. Muitas das áreas ajardinadas contam também com belos exemplares de espécies ornamentais como rosas, camélias, estrelcícias, hortênsias, entre outras.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

QUINTA DE PORCAS

AVINTES

45



Marta Terra, 2011



Lauren Maganete, 2010

A Quinta de Porcas situa-se a uma distância de 12,8 Km da foz do Rio Douro, ocupando uma frente de rio de 245 metros. A propriedade de 4,12 hectares é maioritariamente desenvolvida em socalcos, situando-se a zona edificada, numa pequena linha de festo central, dominada pela casa de 3 andares, mais recente e sem particular interesse arquitectónico.

Da casa de quinta original, que foi propriedade da família dos Cunha Souto Maior Pacheco Pereira Pamplona, nada resta, conservando-se contudo algumas peças arquitectónicas, de final do século XVIII: a capela e um fontanário. A capela, dedicada a Nossa Senhora da Piedade, está orientada para Nascente, distinguindo-se na sua fachada principal a escala do portal. Existe ainda um volume adossado à capela, onde está colocado o sino. No fontanário identifica-se o adorno com uma figura mitológica, bem como um nicho dedicado a S. João Baptista.

Outros elementos de destaque são os muros genericamente construídos em alvenaria de pedra, bem como os percursos existentes, alguns ladeados por *Camellias japónicas* (japoneiras). Mais junto ao rio, um interessante núcleo de vegetação ribeirinha confere também um maior valor ecológico ao local, enquadrando as vistas a partir do rio e da outra margem do Douro.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

QUINTA DA GRACEIRA

AVINTES

46



Helga Nair, 2010

A Quinta da Graceira, construída durante o século XVIII, localiza-se numa encosta voltada para o Rio Douro a Nascente e por muros de granito a Poente. A entrada é efectuada por Poente, através dum caminho que conduz a um portão, a partir do qual há uma rampa dirigida à casa e ao rio, a qual se considera um eixo de grande beleza paisagística. A casa tem uma relação muito forte com o rio, dispoñdo-se em três plataformas definindo três corpos, sendo que o de maior desenvolvimento, integra uma capela. (Gaiurb EEM, 2007)

É uma quinta de carácter rural, atravessada por minas de água, pontualmente recolhidas em tanques, sendo constituída em socalcos ajardinados e que servem de pastoreio a alguns animais.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

CAIS DA QUINTA DA GRACEIRA

AVINTES

46



Bing Maps



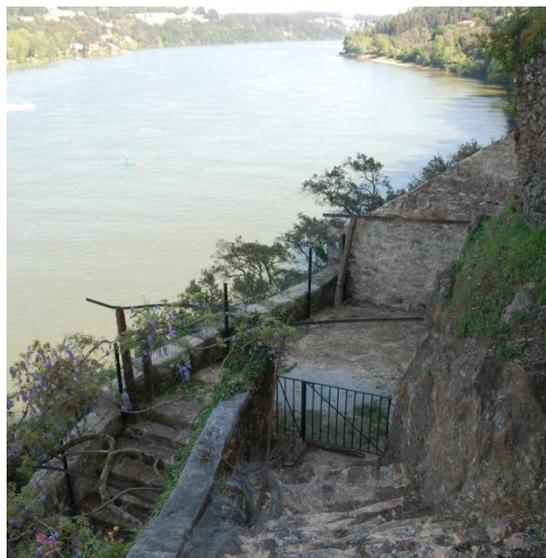
Helga Nair, 2010

O Cais da Quinta da Graceira, localiza-se no sopé da encosta onde de enverga de forma imponente, o edifício principal da quinta.

O acesso ao cais é feito por caminhos estreitos e escadas, que percorrem a encosta de forma serpenteada, até ao rio.

O cais é constituído por uma rampa e por um pequeno pontão, ambos em granito e a precisar obras de reconstrução.

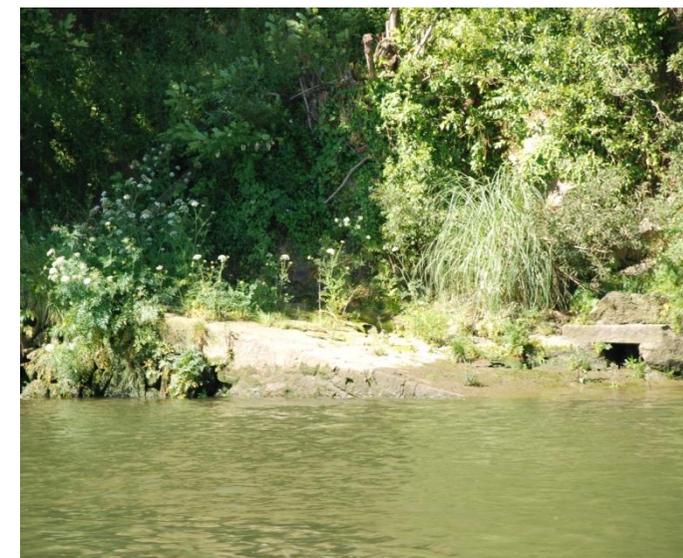
O acesso à quinta pelo rio julga-se pouco usado actualmente, face à densa vegetação que se verifica em volta dessas estruturas.



Lauren Maganete, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

QUINTA DA FUNDADA

AVINTES

47



Helga Nair, 2010

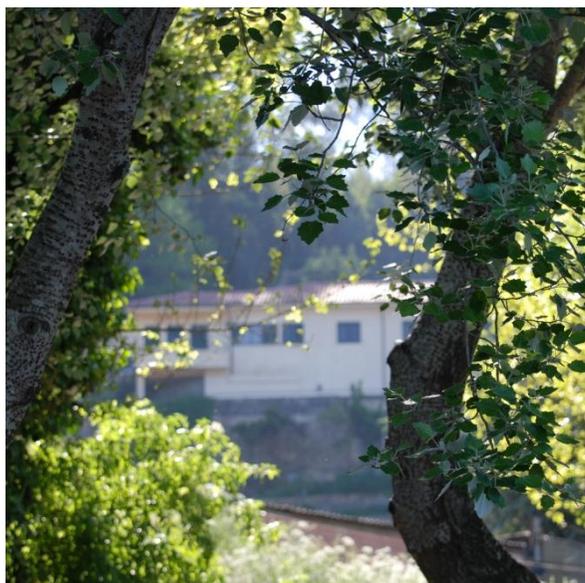
A Quinta da Fundada, localizada a 13,8 Km da foz do Rio Douro e com uma frente de rio de cerca de 320 metros, está localizada no Lugar da Azenha de Campos, na Rua da Azenha, defronte à Freguesia de Marecos. Trata-se de uma quinta rural, cujo terreno com uma área total de 5,7 hectares, engloba uma área de cultivo em socalcos voltados para o Rio Douro, destacando-se a nível do património natural, a presença de vinhas e de algumas folhosas.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Helga Nair, 2010

LUGAR DA AZENHA DE CAMPOS

AVINTES

48



Bing Maps

No Lugar da Azenha de Campos, núcleo urbano ribeirinho, corre da encosta um pequeno regato que desagua no Rio Douro, dando frescura e beleza ao visitante que passa. A beira-rio sombreada por um alinhamento de choupos, confere um excelente espaço de estadia e contemplação do rio.

Do Lugar da Azenha de Campos, é possível aceder por um caminho pedonal, a um pequeno, mas deslumbrante areal, ladeado por uma frondosa mata ripícola, composta por espécies vegetais ribeirinhas, tais como os salgueiros e os choupos.



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Helga Nair, 2010



Vilma Silva, 2011



Isabel Castro, 2011

CAIS DA AZENHA DE CAMPOS

AVINTES

48



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

O Cais da Azenha de Campos, localiza-se a cerca se 15,5 Km da foz do Rio Douro, na Freguesia de Avintes, defronte a Marecos e à Foz do Sousa, na margem Norte do rio.

É constituído por uma plataforma flutuante para embarcações de pesca e de recreio, destacando-se ainda a presença de uma antiga pesqueira.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Isabel Castro, 2011



Helga Nair, 2010



Isabel Castro, 2011

CAPELA DA NOSSA SENHORA DOS PRAZERES

AVINTES

49



Bing Maps

A Capela da Nossa Senhora dos Prazeres está situada no Lugar da Azenha de Campos, à cota alta (45 metros), numa rua perpendicular à Rua da Azenha, que liga ao Rio Douro. A sua construção deverá datar do final do século XVI ou início do século XVII. Fazia parte, originalmente, da Quinta da Azenha (actual Quinta do Cascudo), pertença no século XVIII da família Huet de Bacelar Soto Mayor, fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo. No século XIX foi demolida a casa da Quinta da Azenha, restando hoje apenas a capela, com porta para o caminho público e o portão principal da quinta.

O edifício é construído em pedra de granito sem reboco, sendo a porta rectangular, simples, virada a Este. Sofreu já bastantes transformações em relação à construção original, como é o caso do alpendre construído, do elemento branco de betão situado junto à porta, ou de alguns dos muros adjacentes à capela. (Gaiurb EEM, 2007)



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Gaiurb EEM, 2007



Helga Nair, 2010

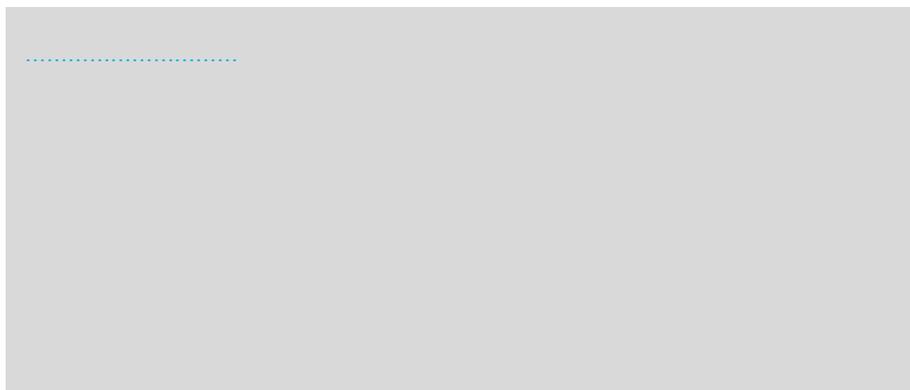
**QUINTA NA
RUA DA
AZENHA**

AVINTES

50



Bing Maps



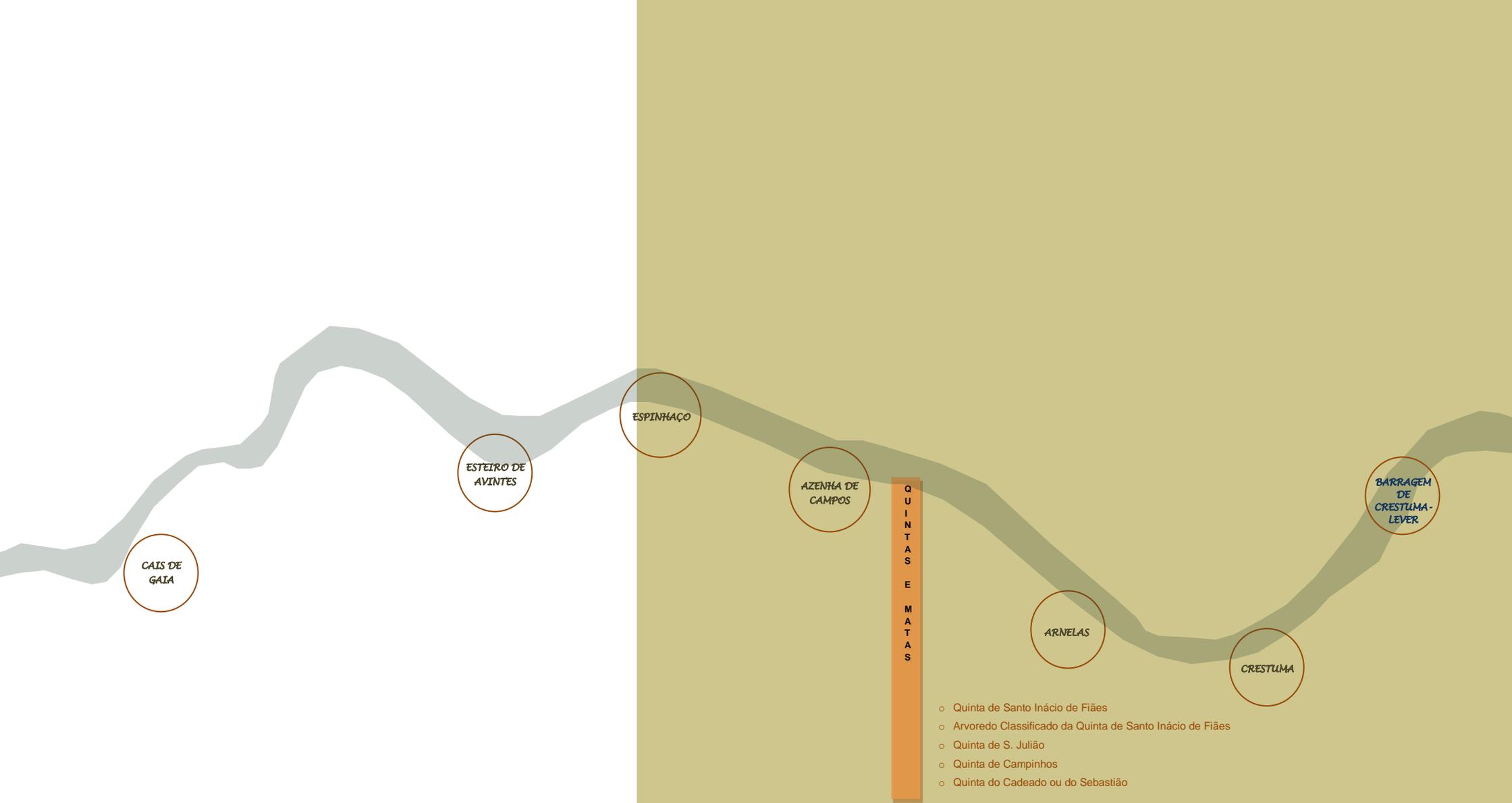
Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Isabel Castro, 2011



UNIDADE DE PAISAGEM **6** Quintas e Matas

de Azenha de Campos a Arnelas

QUINTA DE SANTO INÁCIO OU DE FIÃES

AVINTES

51



Bing Maps

A Quinta de Santo Inácio ou de Fiães, datada do século XVIII e situada a 14,6 Km da foz do Rio Douro, é actualmente a maior quinta de Avintes, com cerca de 67 hectares.

Além das encostas densamente arborizadas por povoamentos monoespecíficos na vertente até ao Rio Douro, onde se destaca igualmente a existência de uma galeria ripícola com valor ecológico, integram também o cadastro da quinta, uma área destinada ao jardim zoológico - Zoo Santo Inácio e ainda um conjunto de edifícios seiscentistas representativos da arquitectura erudita de raiz tradicional e de jardins de características barrocas, em torno de um amplo terreiro em saibro, onde se realça a presença de uma fonte barroca em pedra.

Além disso, a quinta conta com a presença da Capela de Santo Inácio, situada no plano mais elevado do terreno, que se evidencia pelo seu traçado maneirista e ainda de Arvoredo Classificado como Imóvel de Interesse Público. Assim, esta quinta funciona como um pólo turístico de grande relevância no contexto da freguesia e do concelho.

“Há outra Ermida da invocação de Santo Ignacio fita na quinta de Jorge Maynard, Cavalleiro prodeso na Ordem de Christo, e Cidadão do Porto, e está contigua às casas da mesma quinta.” (CARDOSO, L.,1751)



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Vilma Silva, 2005



Vilma Silva, 2005



Vilma Silva, 2005



Vilma Silva, 2005



Vilma Silva, 2005



Vilma Silva, 2005



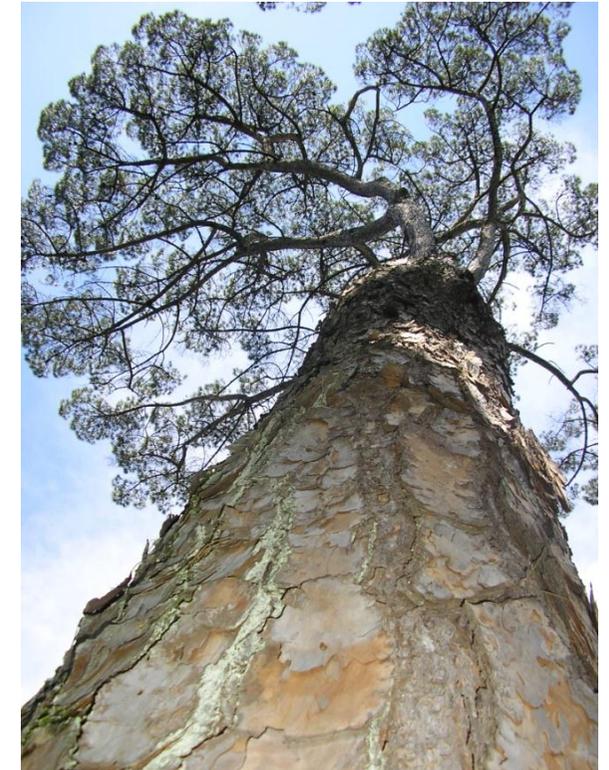
Vilma Silva, 2005



Vilma Silva, 2005



Vilma Silva, 2005



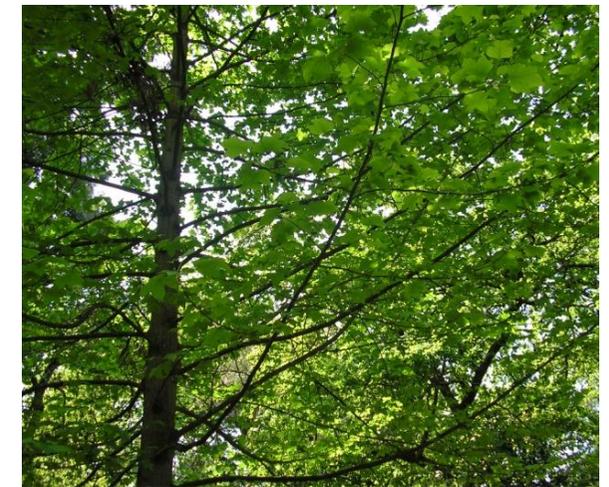
Vilma Silva, 2005



Vilma Silva, 2005



Vilma Silva, 2005



Vilma Silva, 2005

ARVOREDO CLASSIFICADO

DA QUINTA DE
SANTO INÁCIO DE
FIÃES

AVINTES

52



Isabel Castro, 2011

Classificada como de interesse público (publicado no Diário da República no Aviso n.º 8326/2006, de 31 de Julho), a mata existente caracteriza-se pela presença de belos exemplares de carvalhos, tulpeiros, azevinhos, azereiros e outras folhosas, bem como um denso sub-bosque de japoneiras; o destaque, porém, vai para a presença imponente de Pinheiros-Mansos bicentenários. Uma carta de 1800 dá conta da solicitação de Pedro Van-Zeller para a substituição de pinheiros com cerca de 50 anos, que estavam feridos, por novos exemplares, a plantar no mesmo local – são provavelmente esses mesmos pinheiros que podem ser hoje apreciados na quinta.

Também de grande porte, são os eucaliptos monumentais plantados por Roberto Van-Zeller entre o jardim romântico e o bosque, entre os quais um dos maiores exemplares de *Eucalyptus obliqua* do nosso país. O livro *Árvores Monumentais de Portugal* (1984), de Ernesto Goes, citado no blogue referido - *Dias com Árvores* – explica que se trata de uma espécie algo difundida no País em Parques e Jardins, talvez pela sua beleza tanto em termos de textura como de cor, seja ao nível do tronco ou da copa de densa folhagem verde escura.



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Fonte: Blogue *Dias com Árvores*, 2005



Fonte: Blogue *Dias com Árvores*, 2005



Lauren Maganete, 2010

QUINTA DE S. JULIÃO

AVINTES

53



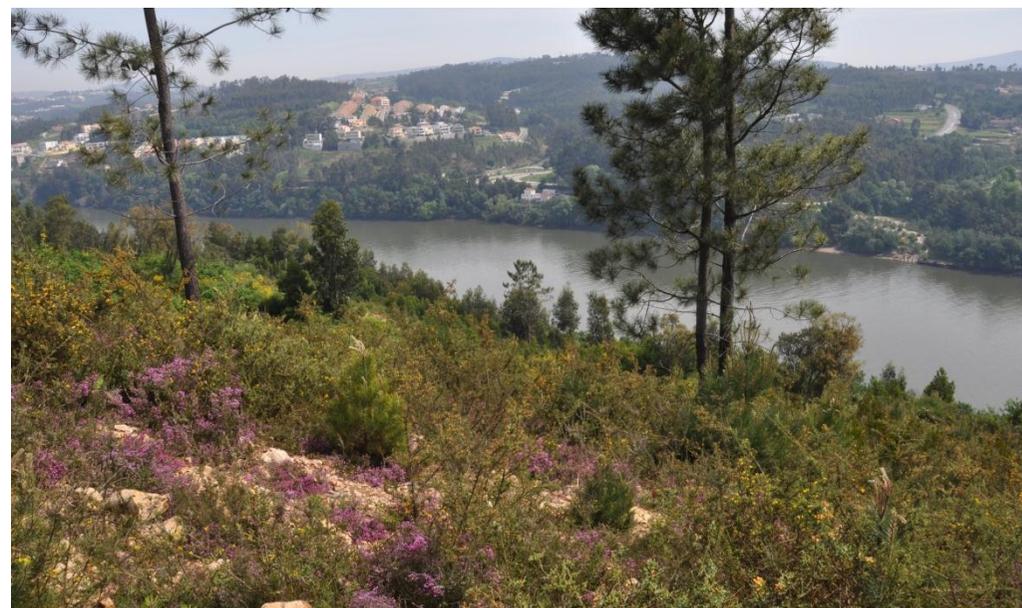
Lauren Maganete, 2010

A Quinta de S. Julião apresenta contiguidade com a Quinta de Santo Inácio de Fiães a poente e com a Quinta dos Campinhos a nascente. Está situada numa encosta orientada a nascente, a uma distância de 15,4 Km da foz do Rio Douro. Integra um contínuo de encostas de topografia muito acidentada, muito susceptíveis à erosão e que se encontram por isso geralmente florestadas.

A propriedade, com mais de 18,5 hectares, é atravessada por uma linha de água. Aproximadamente à cota de 30 metros, numa área de topografia mais suave e associado à linha de drenagem natural, está o património edificado, de interesse, que inclui uma capela e vários edifícios de construção tradicional.

Apesar da grande maioria da área florestal ser constituída por pinheiros e eucaliptos, destacam-se alguns pequenos núcleos de especial interesse, como o que se encontra junto à área edificada, algumas áreas cobertas por urze e tojo, ou a vegetação ribeirinha de elevado valor ecológico, ao longo dos 700 metros em que a propriedade confronta com o rio, sendo que parte desta área se encontra em leito de cheia.

A quinta está incluída quase na totalidade na Estrutura Ecológica Fundamental, com excepção da área edificada. Parte da quinta está também classificada como Reserva Ecológica Nacional.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Paulo Oliveira, 2003

QUINTA DE CAMPINHOS

AVINTES

54



Paulo Oliveira, 2003

A Quinta de Campinhos está localizada a 16,25 Km da foz do Rio Douro, na proximidade do Lugar de Arnelas, sendo contígua à Quinta de S. Julião e à Quinta do Cadeado ou do Sebastião. Numa posição sobranceira ao Rio Douro, a uma cota de aproximadamente 110 metros, a quinta apresenta uma topografia muito acidentada, pelo que se encontra maioritariamente florestada e organizada em socalcos, que se alargam e estreitam, conferindo muito ritmo à paisagem da quinta. Quanto ao edificado, encontra-se numa pequena plataforma à cota de 25 metros, com vistas para a foz do Rio Sousa. Na margem ribeirinha da quinta, é de salientar a presença de um corredor ripícola com uma largura superior a 20 metros. Relativamente ao edificado, assiste-se a uma descaracterização do mesmo, existindo ainda vestígios de um património arquitectónico de interesse, tal como se pode ver nas fotografias apresentadas. A Sul, a quinta encontra-se limitada por uma unidade industrial. Quanto ao património natural, a quinta apresenta elevado interesse ecológico, pela existência de vegetação autóctone e de pomares.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Vista da Quinta de Campinhos sobre o Rio Douro e a foz do Rio Sousa do outro lado da margem

QUINTA DO CADEADO OU DO SEBASTIÃO

OLIVAL

55



Bing Maps



Helga Nair, 2010

A Quinta do Cadeado, também conhecida como Quinta do Sebastião, tem uma área de 8,75 hectares e está localizada a 16,3 metros da foz do Rio Douro, entre as Quintas de Campinhos e do Ferraz, a Norte do Lugar de Arnelas. Foram foreiros desta quinta os Condes da Feira; mais tarde fez parte dos domínios dos Marqueses de Lavradio. Em meados do século XIX a propriedade foi vendida a Sebastião Alves de Sousa (daí o nome de Quinta do Sebastião), cuja família mantém até aos dias de hoje a posse da quinta.

A quinta desenvolve-se numa plataforma sustentada por um grande muro em xisto, que a separa do areal ali existente. O elemento com maior destaque no conjunto edificado é a casa principal, de 3 pisos; a entrada é feita pelo piso térreo, cujo acesso se faz pelo jardim, por um caminho ora ladeado por *Camellia japonica* (japoneiras), ora coberto por uma pequena ramada.

Destaque ainda para a capela existente, de invocação à Nossa Senhora do Bom Sucesso, cuja fachada está voltada para o rio, perpendicularmente ao eixo maior da casa principal.

Num pátio limitado por estes dois elementos edificados, destaca-se alguma vegetação ornamental, incluindo várias árvores de grande porte, que enquadram todo o conjunto edificado na paisagem de Arnelas.



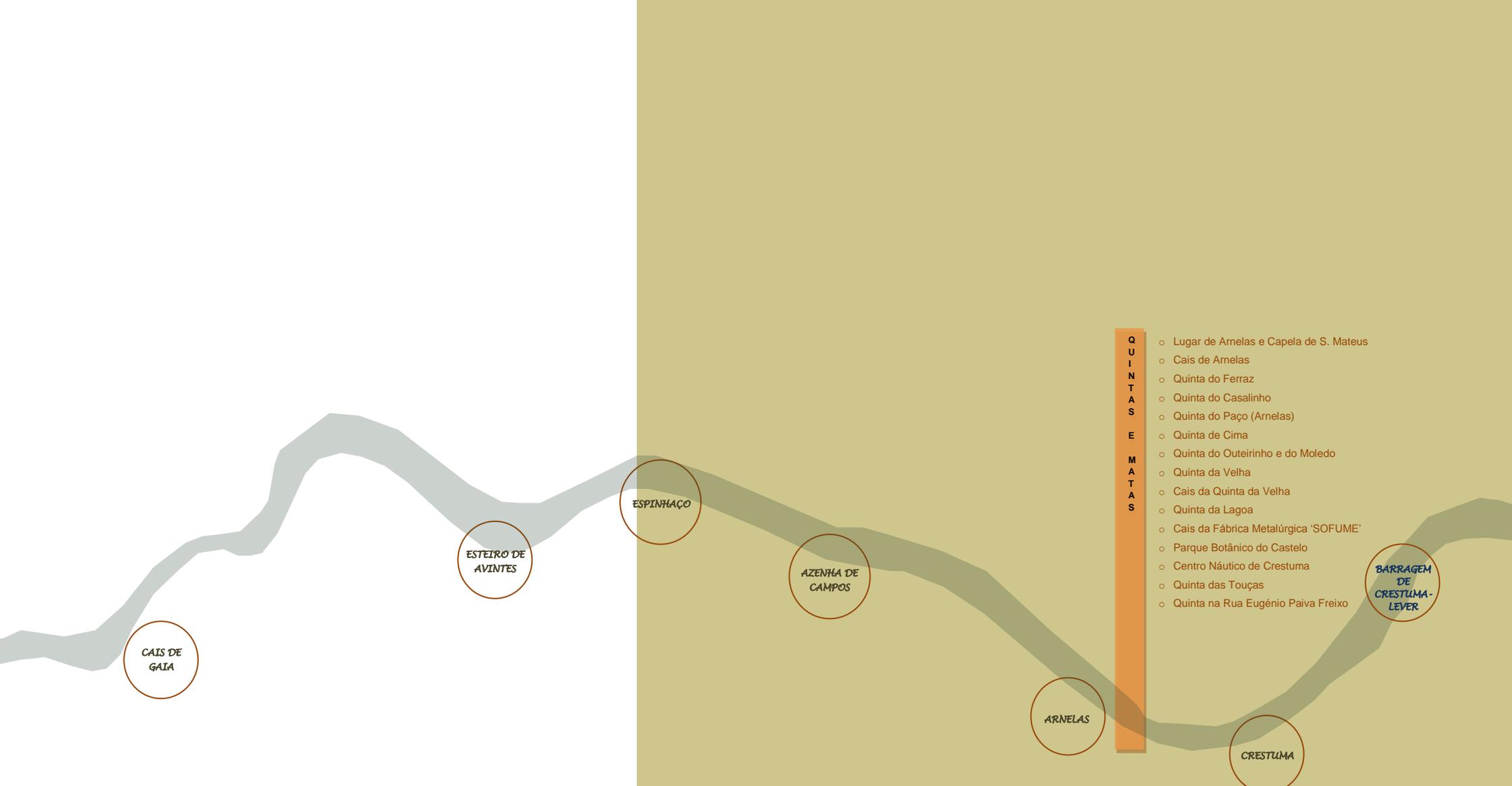
Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Q
U
I
N
T
A
S

E

M
A
T
A
S

- Lugar de Arnelas e Capela de S. Mateus
- Cais de Arnelas
- Quinta do Ferraz
- Quinta do Casalinho
- Quinta do Paço (Arnelas)
- Quinta de Cima
- Quinta do Outeirinho e do Moledo
- Quinta da Velha
- Cais da Quinta da Velha
- Quinta da Lagoa
- Cais da Fábrica Metalúrgica 'SOFUME'
- Parque Botânico do Castelo
- Centro Náutico de Crestuma
- Quinta das Touças
- Quinta na Rua Eugénio Paiva Freixo

BARRAGEM
DE
CRESTUMA-
LEVER

UNIDADE DE PAISAGEM 7 Quintas e Matas

de Arnelas ao Parque Botânico do Castelo

**LUGAR DE
ARNELAS E
CAPELA DE
S. MATEUS**

OLIVAL

56



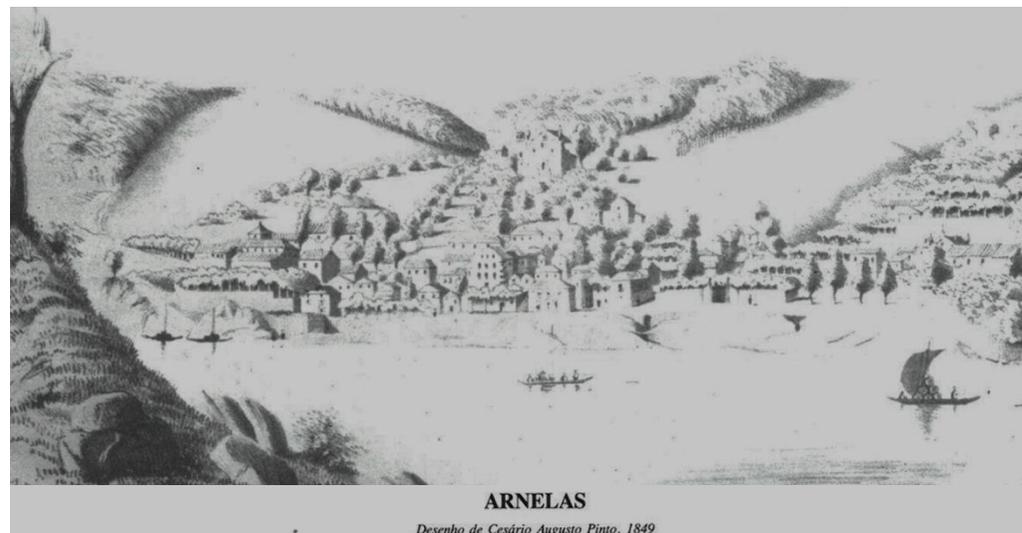
Paulo Oliveira, 2003

A origem do Lugar de Arnelas remonta a tempos anteriores à romanização. No entanto, pensa-se que o lugar terá sido destruído devido a grandes inundações tendo sido reconstruído no reinado de D. João II no século XVII. Neste lugar, construído na margem esquerda em cascata, funcionava também um entreposto comercial onde se cobravam taxas de travessia do rio e de circulação de mercadorias.

São ainda de destacar a Capela de S. Mateus do século XVIII, construída graças aos tributos reais lançados sobre as rasas de sal e os quartilhos de vinho, e ainda a calçada romana, com patamares e os campos talhados em socalcos ao longo da encosta.

No dia 21 de Setembro celebra-se a Feira de S. Mateus ou Feira das Nozes, que enche o largo de toldos e bancas sob os choupos, onde se vendem figos, nozes e melões e se pede protecção a S. Mateus para os negócios.

É ainda de destacar a proposta de classificação de Arnelas, como Zona Histórica da freguesia de Olival, datada de 1986.



Desenho de Cesário Augusto Pinto, 1849

Fonte: PEREIRA, G.; BARROS, A. 2001. Memória do Rio – para uma história de navegação no Douro, Ed. Afrontamento, Porto.



Helga Nair, 2010



Gaiurb EEM, 2007



Lauren Maganete, 2010

CAIS DE ARNELAS

OLIVAL

56



Helga Nair, 2010

O actual Cais de Arnelas é constituído por plataformas flutuantes, tem lugar para 8 embarcações de pesca ou de recreio e está situado a 18 Km da foz do Rio Douro.

O cais primitivo de Arnelas, do qual não se vislumbram sequer vestígios, constituiu um dos Passos de Barcas mais importante no século XIX, também importante porto de pesca fluvial, onde se chegavam a pescar cerca de 2000 sáveis por dia. Situado em frente a Zebreiros e à foz do Rio Sousa, na outra margem do rio, desempenhou o papel de um importante porto fluvial no Rio Douro, sendo frequentado por grandes barcos que comerciavam produtos tais como madeira, legumes, cereais, vinhos vindos do Douro e sal marinho vindo de Aveiro.



Helga Nair, 2010



Marta Terra, 2011

“Nada mais risonho e aprazível do que a paisagem que na margem esquerda do rio apresenta à nossa vista a freguesia de Avintes com os seus numerosos lugares e aldeãs, entre as quaes Arnellas é talvez a mais formosa...”

Visconde de Villa Maior (1876) in O Douro Ilustrado (1990)



Lauren Maganete, 2010

QUINTA DO FERRAZ

OLIVAL

57

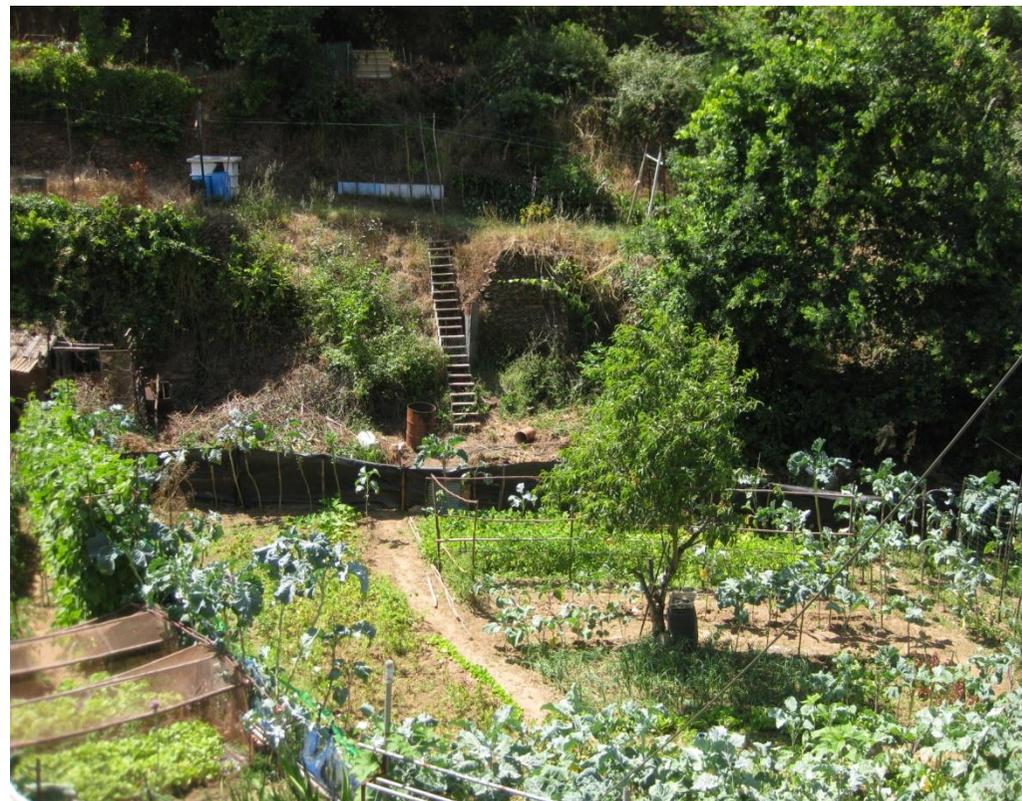


Paulo Oliveira, 2003

A Quinta do Ferraz está situada a uma distância de 16,4 Km da foz do Rio Douro, junto ao Lugar de Arnelas. É contígua com a Quinta do Cadeado, a ponte e com a Quinta do Casalinho, a nascente.

A propriedade, com uma área de quase 8 hectares, caracteriza-se por duas áreas distintas: mais a Norte, um terreno predominantemente armado em socalcos, destinado ao cultivo; mais a Sul e Oeste, uma extensa área florestal, formando um contínuo desde a Quinta do Casalinho.

Os terrenos organizados em socalcos desta quinta, bem como os da Quinta do Cadeado, formam um conjunto facilmente identificável a partir do Rio Douro, ou da outra margem, com patamares sobranceiros às casas, ao areinho e ao cais, imagem que marca e caracteriza o Lugar de Arnelas.



Helga Nair, 2011



Helga Nair, 2011



Helga Nair, 2011



Helga Nair, 2011



Helga Nair, 2011

QUINTA DO CASALINHO

OLIVAL

58



Lauren Maganete, 2010

A Quinta do Casalinho localiza-se a Sul da Quinta do Ferraz, com a qual confronta, e a uma distância de 16,7 Km da foz do Rio Douro. A propriedade de 23,6 hectares, situa-se bem perto da antiga Estrada Nacional 222 e confronta com o arruamento principal que conduz ao Lugar de Arnelas. Mantém um carácter discreto, numa envolvente que tem vindo a sofrer processos de alteração significativos, como a implantação de áreas industriais e habitacionais em loteamentos. Em princípios do século XVIII a quinta pertencia aos Condes da Feira. Não tendo uma arquitectura erudita, salienta-se a existência de elementos de qualidade como a capela, o portal voltado para a Estrada de Arnelas e o próprio muro que cerca a quinta. Merece destaque a composição geral da quinta, organizada por um pátio rectangular, à cota baixa, constituindo a plataforma de assentamento da casa e da capela (estando esta última voltada a Sul e isolada da casa). Existe ainda uma outra plataforma, da eira, voltada para os antigos campos de cultivo. A restante área da quinta encontra-se maioritariamente florestada por povoamentos de pinheiros e eucaliptos que, apesar de não apresentarem um elevado valor ecológico, fazem face aos declives muito acentuados, contribuindo para a diminuição do risco de erosão dessa encosta. Ainda assim verifica-se uma mancha de folhosas com elevado valor ecológico. Esta propriedade de encosta, é atravessada por uma linha de água e aproximadamente metade da sua área é abrangida pela Estrutura Ecológica Fundamental. Parte da quinta está também classificada como Reserva Ecológica Nacional.



Lauren Maganete, 2010



Helga Nair, 2011



Lauren Maganete, 2010

QUINTA DO PAÇO DE ARNELAS

OLIVAL

59



Helga Nair, 2010



Lauren Maganete, 2010

Situada imediatamente a Sul do Lugar de Arnelas, a Quinta do Paço dista cerca de 16,7 Km da foz do Rio Douro, ocupando uma frente de rio de 445 metros. Sabe-se que em meados do século XVIII a quinta pertencia aos Condes da Feira. Existe alguma dificuldade em perceber quais os edifícios que seriam os originais da Quinta do Paço. Ainda assim, o conjunto de edificações, apresenta grande valor, estando inventariado nas Fichas de Património do PDM como património arqueológico.

A propriedade, com cerca de 10,8 hectares, caracteriza-se pela encosta muito acidentada e florestada, que se começa a formar junto ao Lugar de Arnelas e se prolonga para montante, para lá da Quinta do Outeirinho. A florestação destas encostas constitui um factor importante, dados os grandes declives que aqui se verificam e que aumentam o potencial risco de erosão. O Plano Estratégico para o Desenvolvimento das Encostas do Douro (PEDED, 2008) refere a quinta como sendo ocupada por “áreas agro-florestais, possuindo terrenos férteis (sedimentares) e, em grande parte, planos, onde se produz milho.

Ao longo do limite da propriedade com o rio, destaque para o corredor ripícola presente, de elevado valor ecológico e com uma largura expressiva, encontrando-se parte dele em leito de cheia. Em certas áreas da quinta encontramos ainda reminiscências do carácter rural da quinta: árvores de fruto como castanheiro, figueira ou nespereira, ou até vigas e outras estruturas das antigas vinhas.

A quinta integra quase na totalidade a Estrutura Ecológica Fundamental, com excepção para o edificado classificado com interesse arqueológico. Está também, na sua maioria, classificada como Reserva Ecológica Nacional.



Helga Nair, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

QUINTA DO OUTEIRINHO E DO MOLEDO

OLIVAL

61



Lauren Maganete, 2010

A Quinta do Outeirinho e do Moledo estabelece um contínuo verde entre a Quinta do Casalinho, situada a poente e a Quinta da Velha, situada a nascente. Dista cerca de 17,2 Km da foz do Rio Douro e ocupa uma frente de rio de 340 metros. Com uma área total de cerca de 31,4 hectares, está entre as maiores quintas das Encostas do Douro.

As edificações existentes não apresentam qualquer interesse do ponto de vista arquitectónico. Destacam-se antes, na propriedade, os valores ecológicos presentes: a existência de uma linha de água, bem como o corredor ripícola junto ao Rio Douro, parte deste colonizando áreas em leito de cheia; em algumas das áreas mais declivosas da quinta encontram-se povoamentos de carvalhos e outras folhosas que, para além do seu valor ecológico, assumem um importante papel, contribuindo para a atenuação do risco de erosão.

Outro dos factores de distinção da quinta são as vistas que daqui se obtém para o Lugar de Crestuma, enquadradas pelo Rio Douro e pela copa das árvores, facto apenas possível pelos declives da encosta e pela sua orientação. Contudo, este tipo de vistas, a proximidade dos núcleos habitacionais e os acessos, fazem com que esta quinta, a par de outras, sofra uma forte pressão urbanística.

Os seus valores ecológicos fazem com que praticamente metade da sua área esteja incluída na Estrutura Ecológica Fundamental, estando também algumas destas áreas classificadas como Reserva Ecológica Nacional.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

QUINTA DA VELHA

CRESTUMA

62

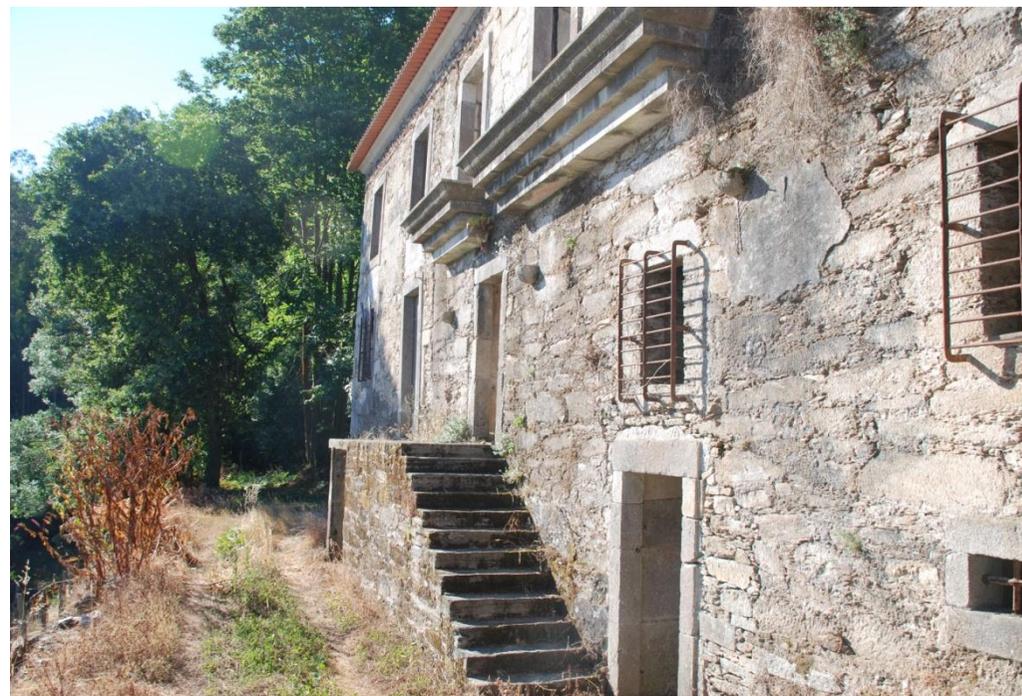


Helga Nair, 2010

A Quinta da Velha é contígua à Quinta do Outeirinho ou do Moledo e situa-se bem perto do Centro de Estágio e Formação Desportiva Olival-Crestuma, a cerca de 17,6 Km da foz do Rio Douro. A propriedade de 19,7 hectares, é marginal ao Rio Douro e tem uma frente de rio de 645 metros. A sua topografia acidentada (com declives superiores a 25 %) faz com que seja maioritariamente ocupada por floresta, à excepção de uma zona central que se desenvolve em diversos patamares. A maioria dos povoamentos florestais é de pinheiros e eucaliptos.

A quinta é atravessada por 3 linhas de água que drenam directamente para o Rio Douro. Nos locais onde estas desaguam, bem como na restante margem junto ao rio, destaque para o corredor ripícola existente, nas áreas de leito de cheia, de elevado valor ecológico.

Quanto ao património edificado, destaque para o muro de forte presença, construído em xisto, que cerca a quinta, bem como os restantes muros que ladeiam os caminhos que vão descendo ao longo da encosta. À cota baixa situa-se uma área edificada, de dimensão modesta que, pela sua construção também em xisto se liga e confunde com os próprios muros existentes. Nesta área, destaque para a existência de alguns carvalhos, bem como um castanheiro de grandes dimensões. Cerca de metade da área da quinta está abrangida pela Estrutura Ecológica Fundamental, sendo parte dela também classificada com Reserva Ecológica Nacional.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

CAIS DA QUINTA DA VELHA

CRESTUMA

62



O Cais da Quinta da Velha localiza-se a 17,8 Km da foz do Rio Douro, na freguesia de Crestuma. O acesso desde a quinta ao mesmo é efectuado por um caminho sempre ladeado por muros, que termina num portão para acesso ao cais. O desnível ainda acentuado desde o patamar onde se encontra o portão até ao plano de água é garantido por duas rampas paralelas à margem. Actualmente este cais encontra-se em avançado estado de degradação, apresentando sinais de pouca, ou mesmo nenhuma utilização.



Helga Nair, 2010



Lauren Maganete, 2010



Helga Nair, 2010



Lauren Maganete, 2010

QUINTA DA LAGOA

CRESTUMA

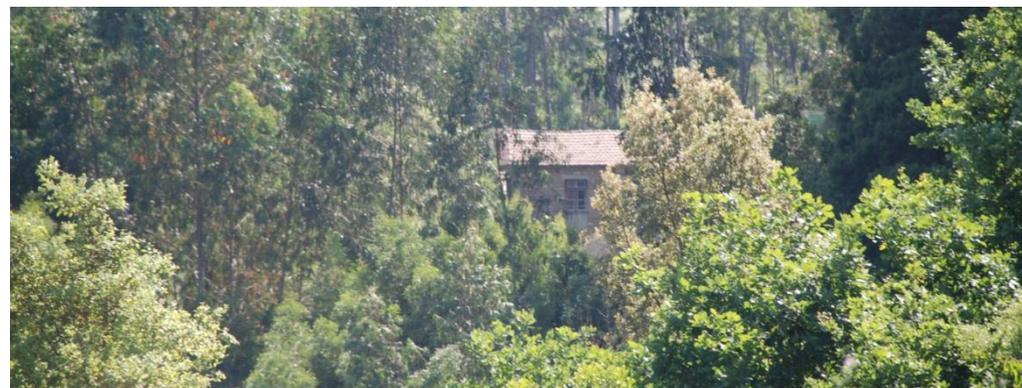
67



Bing Maps

A Quinta da Lagoa está situada na freguesia de Crestuma, no lugar do Alto da Lagoa. Localizada numa encosta sobranceira ao Rio Douro, possui uma frente de rio de cerca de 200 metros cujo acesso se faz pela cota superior. Situada a 18,05 Km da foz do Rio Douro e embora o cadastro actual da quinta seja de dimensão mais reduzida, trata-se de uma vasta quinta partilhada por diferentes herdeiros e que possui largos campos, vinha e encostas florestais, maioritariamente povoadas por eucaliptal mas também por árvores de fruto, sobreiros e salgueiros. Diz-se que o seu nome “Lagoa” está associado ao facto do antigo proprietário ter ambicionado a construção de um grande lago, devido à abundância de nascentes de água no terreno.

Nos terrenos existem algumas casas de construção recente e ainda outras antigas em xisto.



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011



Isabel Castro, 2011

CAIS DA FÁBRICA DE FUNDIÇÃO 'SOFUME'

CRESTUMA

68



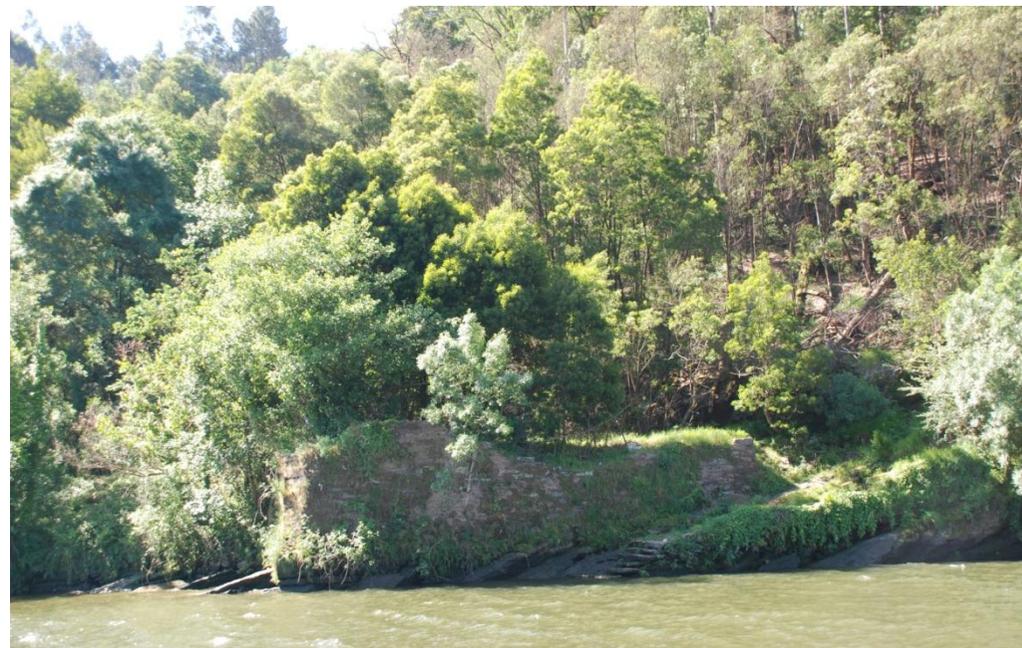
Paulo Oliveira, 2003

O Cais localiza-se no Lugar da Murça (do antropónimo árabe Musa, bastante vulgar na época moçárabe).

Em 1848 neste local, já se encontrava assinalada uma Fábrica de Fundição (Carta do Barão Forrester).

Em 1913 esta indústria tinha a designação de “Nova Fundição de Murça”.

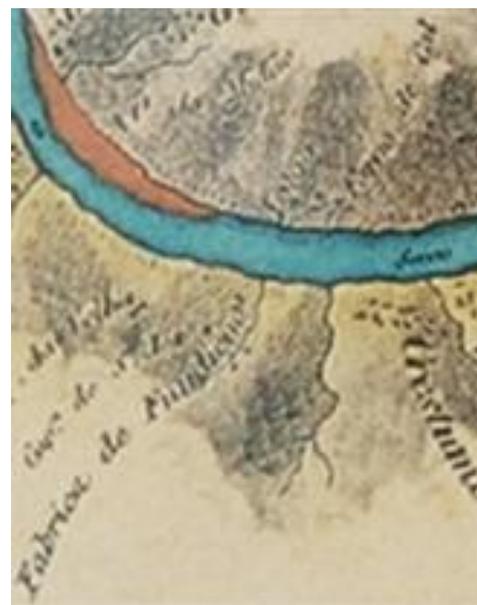
Actualmente completamente abandonada, esta unidade industrial designa-se por Fábrica de Fundição Sofume.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Carta do Barão Forrester de 1848



Cartografia Municipal à escala 1/2000 – anos 1976-81

PARQUE BOTÂNICO DO CASTELO

CRESTUMA

69



Fonte: Folheto de Apresentação do Parque Botânico do Castelo, Parque Biológico de Gaia EEM

“Na freguesia de Crestuma, Vila Nova de Gaia, existe um lugar denominado Castelo, o qual fica situado num esporão rochoso sobre a margem esquerda do Douro, atingindo uma altitude de quase 50 m. É ladeado pelo ribeiro das Touças a Nascente (...) e, a Poente, por outra linha de água denominada Lagoa, parcialmente encanada (...).

Esta elevação, onde assentam vestígios evidentes de ocupação antiga, cai quase abrupta sobre o Douro e (...) encontra-se separada do monte do Outeiro, situado a Sul, por um fosso artificial cavado na rocha. (...) Na área do castelo (...) existem algumas edificações: logo no seu topo encontram-se uma casa e uma eira em xisto, cobertas com telha cerâmica, em ruínas e, em caminho descendente, alguns muros antigos que suportam terras, levadas talhadas em pedra e um tanque na vertente Nascente onde, já ao nível da área do leito de cheia do Douro, se situam as ruínas de uma antiga fábrica de fundição. (...) A área está classificada pela autarquia como estação arqueológica desde 19 de Setembro de 1988 e assim inscrita no PDM.”

(in Folheto de Apresentação do Parque Botânico do Castelo, Parque Biológico de Gaia EEM – Texto de J. A. Gonçalves Guimarães e Susana Gonçalves Guimarães, Dezembro de 2001)

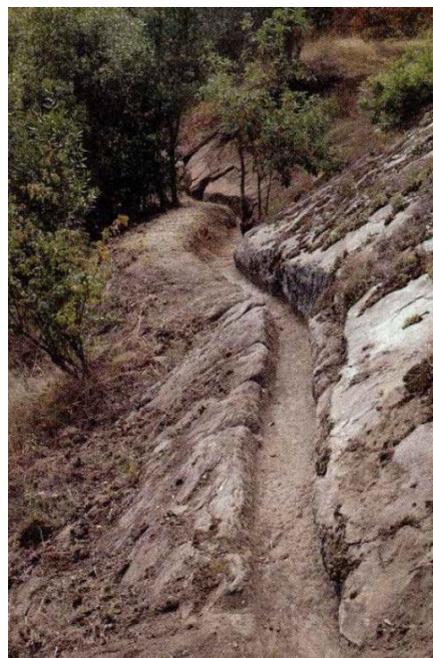
*“O Carvalho-roble (*Quercus robur*) e o Carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), a Oliveira (*Olea europea*), o Freixo (*Fraxinus angustifolia*), o Sobreiro (*Quercus suber*) e o Pinheiro Manso (*Pinus Pinea*), são algumas das espécies de árvores que ali ocorrem.”*

(in Folheto de Apresentação do Parque Botânico do Castelo, Parque Biológico de Gaia EEM)



Antigo caminho de acesso ao Castelo

Fonte: Folheto de Apresentação do Parque Botânico do Castelo, Parque Biológico de Gaia EEM



Fonte: Folheto de Apresentação do Parque Botânico do Castelo, Parque Biológico de Gaia EEM

CENTRO NÁUTICO DE CRESTUMA

CRESTUMA

70



Fonte: Ortofotomapa da Gaiurb EEM, à escala 1/5000, do ano 2008

Foi sócio Fundador do Clube Náutico de Crestuma o escritor Eugénio Paiva Freixo.

O novo Centro Náutico de Crestuma foi construído nas antigas instalações da Fábrica de Fundição Rufino Moreira, proprietário dos terrenos do Monte do Castelo.

Este equipamento representou o primeiro passo para a requalificação de toda aquela zona ribeirinha, incluída no PDM como Reserva Ecológica Nacional.

O Centro Náutico de Crestuma é detentor de um riquíssimo palmarés na canoagem nacional e internacional e reconhecido mundialmente por organizar a prova mais regular do calendário da ICF (International Canoe Federation), a Maratona Internacional de Crestuma que foi Taça do Mundo em 2008 e Campeonato do Mundo em 2009.

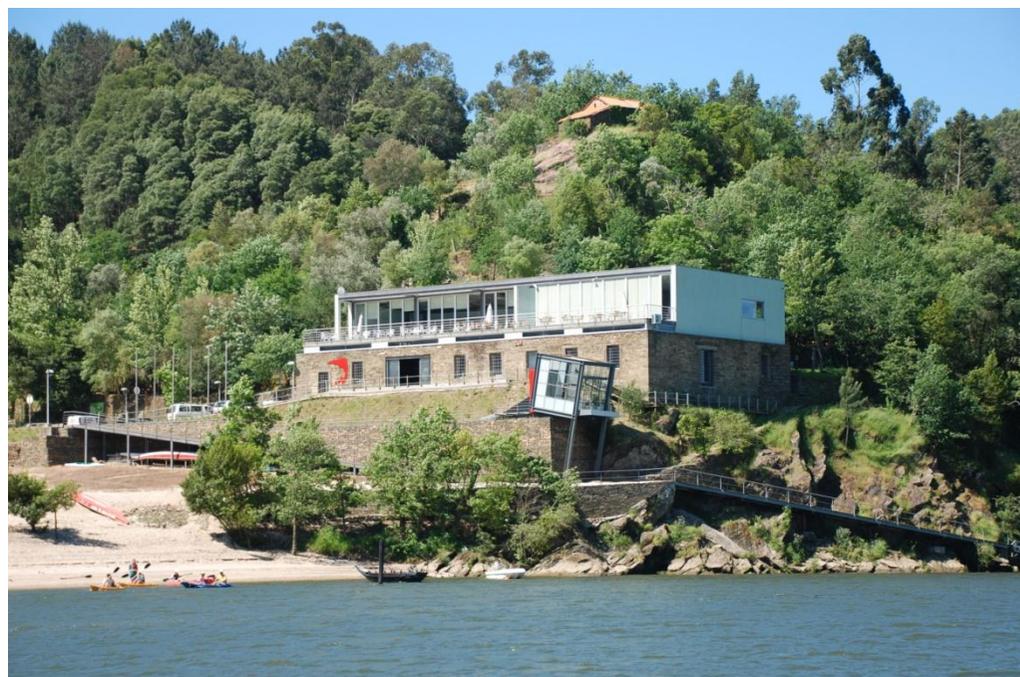
Em 2010 comemorou 30 anos de existência



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

QUINTA DAS TOUÇAS

CRESTUMA

71



Fonte: Ortofotomapa da Gaiurb EEM, à escala 1/5000, do ano 2008

A Quinta das Touças está situada na Freguesia de Crestuma e localiza-se numa zona afastada das margens do Rio Douro.

Possui uma área de 2,93 ha e situa-se a 18,6 quilómetros da foz do Rio Douro. As construções existentes não possuem valor significativo sob o ponto de vista patrimonial, destacando-se apenas um espigueiro cuja estrutura foi entretanto adulterada.



Gaiurb EEM, 2007



Gaiurb EEM, 2007



Gaiurb EEM, 2007

QUINTA NA RUA EUGÉNIO PAIVA FREIXO

CRESTUMA

72



Fonte: Ortofotomapa da Gaiurb EEM, à escala 1/5000, do ano 2008

A Quinta na Rua Eugénio Paiva Freixo está situada na Freguesia de Crestuma, localizando-se numa zona distante da margem do Rio Douro. Possui uma área de 4,55 ha e situa-se a 18,8 quilómetros da Foz do Rio Douro.

As construções existentes possuem algum valor patrimonial, destacando-se a passagem do exterior para o logradouro da construção principal, que atravessa o corpo do edifício ao nível do rés-do-chão, sendo o vão das paredes obtido à custa de um arco perfeito em granito.



Gaiurb EEM, 2007



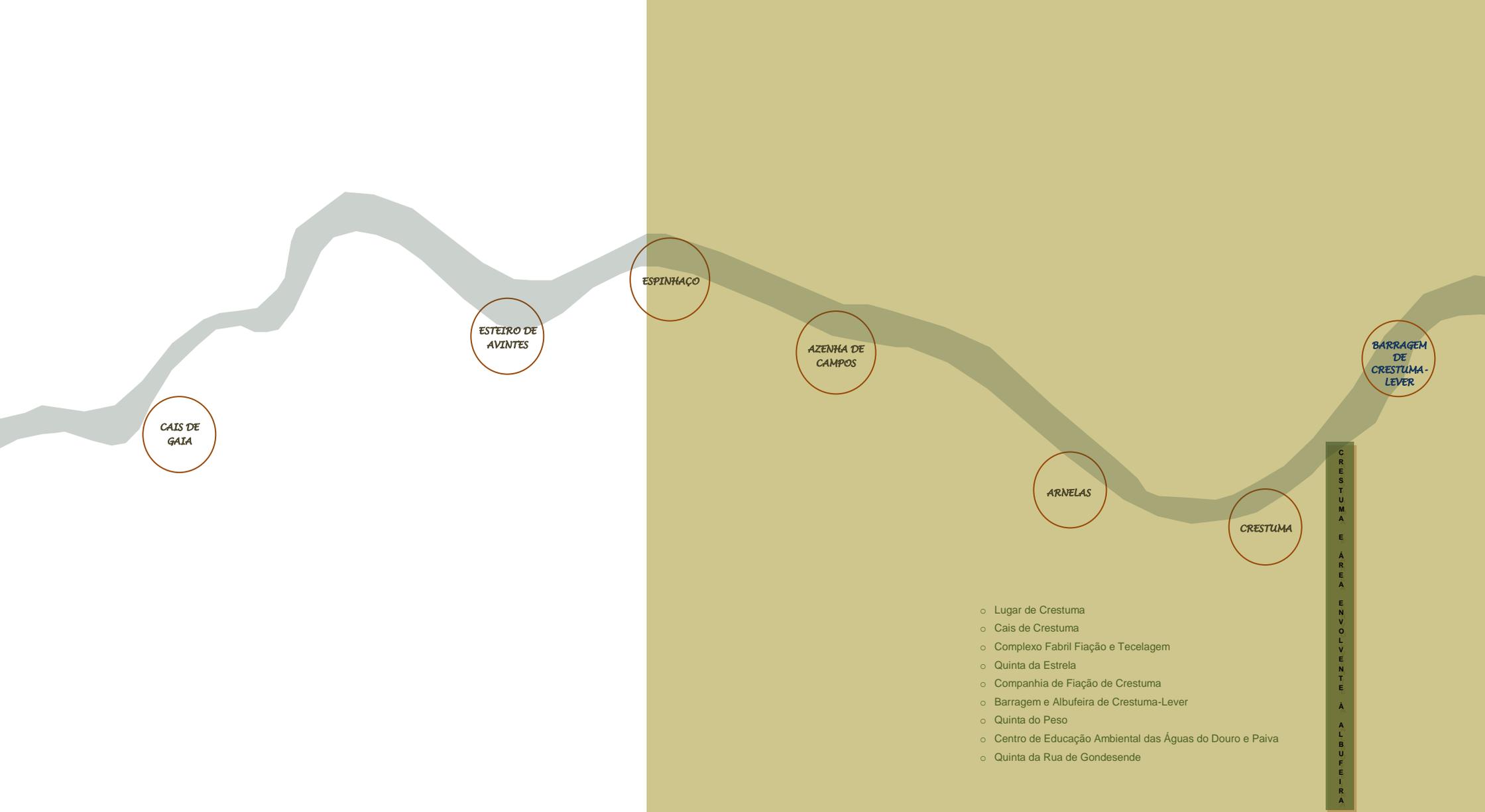
Gaiurb EEM, 2007



Gaiurb EEM, 2007



Gaiurb EEM, 2007



UNIDADE DE PAISAGEM **8** **Área Envolvente à Albufeira
Crestuma-Lever**
do Lugar de Crestuma à Quinta da Rua de Gondosende em Lever

LUGAR DE CRESTUMA

CRESTUMA

74



Paulo Oliveira, 2003

O topónimo Crestuma tem origem na conjugação de duas palavras: Castrum que significa povoado e Uíma nome do rio que aí desagua no Rio Douro. Foi nos terrenos alcantilados da margem Sul do rio do antigo couto de Crestuma, que se constituiu este núcleo ribeirinho em socalcos que formam como que anfiteatros voltados para o rio onde outrora se produziam os frescos. Crê-se que durante a época da ocupação romana, o nível da água do rio estivesse ao nível da cheia de 1909, havendo ainda hoje vestígios de construções em xisto tais como a casa da eira no alto do “Castelo”, muros e escadas que evoluíram para um núcleo de matriz de construção orgânica.

Neste lugar há referência da existência de um mosteiro no séc. X, onde D. Ordonho II Rei de Leão, veio visitar o Bispo de Coimbra.

Nos finais do séc. XVIII e no início do séc. XIX foram-se instalando em Crestuma algumas das mais importantes unidades industriais de fundição, relacionadas directamente com a produção do vinho do Alto Douro e, posteriormente, com o fabrico de armamento, uma das quais com central hidroeléctrica própria. Em meados do séc. XIX algumas destas indústrias foram reconvertidas noutras actividades económicas, principalmente a de fiação, como a Companhia de Fiação de Crestuma, em Lever, e a criação da Fábrica de Fitas e Fiação de Algodão A.C. da Cunha Morães, próxima da foz do Rio Uíma, hoje ambas abandonadas.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Gaiurb EEM, 2007



Gaiurb EEM, 2007



Helga Nair, 2010

CAIS DE CRESTUMA

CRESTUMA

75



Paulo Oliveira, 2003

O Cais de Crestuma, localizado a 20,5 Km da foz do Rio Douro, é constituído por plataformas flutuantes para embarcações de pesca e de recreio de pequeno porte.

Constitui um importante cais na navegabilidade no Rio Douro, face à sua proximidade da eclusa da Barragem de Crestuma-Lever. Considera-se importante e urgente a sua requalificação e ampliação, de forma a permitir a acostagem de barcos de médio e grande porte, tendo para o efeito sido celebrado recentemente um acordo de parceria entre o Município e o IPTM.



Marta Terra, 2011



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

COMPLEXO FABRIL DE FIAÇÃO E TECELAGEM

CRESTUMA

76



Lauren Maganete, 2010



Helga Nair, 2010

O Complexo Fabril de Fiação e Tecelagem A.C. Cunha Morães, está localizado no Lugar de Crestuma, a uma distância de 19,2 Km da foz do Rio Douro. É facilmente identificável pela grande chaminé cor de tijolo que se ergue na paisagem, com a qual apenas contrapõe a torre da Igreja, do outro lado do Rio Uíma. Adossada a este está a casa da Quinta da Estrela e, juntas, formam um conjunto edificado de valor arquitectónico e cultural.

O conjunto edificado do Complexo Fabril foi, na época, construído em função das características naturais do terreno, tendo sido edificados vários volumes adossados, em plataformas que se encaixam no vale do Rio Uíma, permitindo desta forma aproveitar a força das águas do rio para a fiação industrial. (Gaiurb EEM, 2007)

Hoje em dia, o complexo encontra-se ao abandono, não havendo qualquer actividade industrial. É pena, pois, para além do interesse patrimonial e arquitectónico do conjunto, identificado nas fichas de património do PDM, trata-se de um dos primeiros exemplares da industrialização no Concelho de Vila Nova de Gaia (século XIX).



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

QUINTA DA ESTRELA

CRESTUMA

77



Fonte: Ortofotomapa da Gaiurb EEM, à escala 1/5000, do ano 2008

A Quinta da Estrela situa-se junto ao Lugar de Crestuma, a uma distância de 19,2 Km da foz do Rio Douro e ocupa uma área de 4,48 hectares. Embora não seja marginal ao Rio Douro, está situada muito perto deste, no sopé de uma encosta na qual foi instalado um complexo fabril de finais do séc. XIX. Identifica-se pela estrela ajardinada em talude que é visível até a partir do próprio rio.

A habitação, com 2 pisos, cave e águas furçadas, data de 1903 e apresenta um estilo revivalista, sendo o autor do projecto João Teixeira Lopes. Está adossada ao antigo Complexo Fabril de Fiação e Tecelagem A.C. Cunha Morães. Ambas constituem um património edificado, de grande valor arquitectónico e cultural, com elevada possibilidade de restauro.

A vivenda está rodeada de áreas arborizadas com espécies ornamentais de interesse, muitas delas características das quintas do séc. XIX. A vivenda, o belo arvoredado que a rodeia e o próprio muro que cerca a propriedade causam um certo impacto para quem passa junto à quinta.

A propriedade é atravessada por duas linhas de água que drenam directamente para o Rio Douro, estando toda ela incluída na Estrutura Ecológica Fundamental. Algumas das áreas estão classificadas também como Reserva Ecológica Nacional. Os grandes declives que se verificam, aumentam o risco de erosão, pelo que é importante preservar e requalificar as áreas arborizadas que ainda hoje existem.



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010



Helga Nair, 2010

COMPANHIA DE FIAÇÃO DE CRESTUMA

LEVER

78



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

O complexo edificado onde laborava a antiga Companhia de Fiação de Crestuma está localizado na Freguesia de Lever e encaixado no vale do Rio Uíma, perto da Estrada Nacional 222. A disposição do conjunto edificado, em vários volumes adossados em plataformas ao longo do vale, tem a ver com o aproveitamento que era feito da força motriz do rio, originalmente para a fundição do ferro. Segundo vários autores, inicialmente, entre os anos 90 do séc. XVIII e os anos 50 do séc. XIX, funcionou como fundição com a designação de Fábrica de Verguinhas e Arcos de Ferro da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro.

Apesar do seu estado actual de degradação é identificado como elemento patrimonial de interesse arquitectónico e arqueológico no PDM em vigor. Tal como o Complexo Fabril de Fiação e Tecelagem A.C. Cunha Morães, é um dos primeiros exemplos de industrialização do Concelho, em inícios do século XIX. Apesar de se situar em Lever, é identificada como “de Crestuma” pelo facto de ter sido através do Cais de Crestuma que circulou toda a produção, tanto para o mercado interno como para o mercado europeu, facto que ilustra bem a importância que teve outrora o próprio Cais, bem como o Lugar de Crestuma.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

BARRAGEM E ALBUFEIRA DE CRESTUMA LEVER

LEVER

79



Paulo Oliveira, 2003



Paulo Oliveira, 2003

Acabada de construir em 1985, a Barragem de Crestuma-Lever, com uma altura de 65 metros acima da fundação, representa a principal fonte de água potável para a Área Metropolitana do Porto, albergando também uma central hidroeléctrica e outra termoeléctrica, com uma capacidade de armazenamento com cerca de 110 hm³. Além desta função, a barragem possibilita igualmente a navegação através de uma eclusa do tipo Borland, que permite vencer um desnível de altura de 13,9 metros.

O Plano de Ordenamento da Albufeira de Crestuma Lever (POACL) integra, para além do plano de água, uma faixa de protecção terrestre com uma largura de 500 metros ao longo das margens dos municípios de Gondomar, de Santa Maria da Feira e de Vila Nova de Gaia. Constituindo o limite a montante do estuário do Rio Douro, a barragem, apesar de possuir equipamentos de transposição, representa uma barreira na migração de espécies tais como a lampreia, sável e enguia, tendo como consequência a perda de biodiversidade e uma redução da pesca ao longo do estuário do Douro.



Marta Terra, 2011



Xavier Moreira, 1982

QUINTA DO PESO

LEVER

80



Lauren Maganete, 2010

A Quinta do Peso localiza-se a uma distância de 20,5 Km da foz do Rio Douro, a montante e muito próxima da Barragem de Crestuma-Lever. A propriedade de 8,87 hectares, encontra-se na sua maioria arborizada, com excepção do núcleo edificado e das áreas adjacentes a Este, situadas no extremo Sudoeste da quinta.

Encontrando-se neste momento com uso devoluto, a área edificada está fortemente degradada. Não se tratando propriamente de construções de grande valor arquitectónico, algumas delas ganham um certo interesse enquanto parte de um conjunto edificado de carácter rural. Destacam-se alguns elementos construídos de valor, como o espigueiro, o poço e respectivo engenho e os diversos muretes em xisto ali construídos.

Apesar da grande maioria das áreas se encontrarem arborizadas com espécies de baixo interesse ecológico e paisagístico (embora importantes, pois atenuam o risco de erosão desta encosta), alguns elementos arbóreos de interesse, qualificam paisagisticamente a propriedade. É o caso de um pequeno corredor ripícola, junto a uma linha de água que atravessa a propriedade, de um belo sobreiro junto ao muro de limite da propriedade, ou de algumas espécies ornamentais de interesse paisagístico, sobretudo nas áreas adjacentes ao edificado.

Como já referido, a quinta é atravessada por uma linha de água, fazendo parte da Estrutura Ecológica Fundamental e abrangendo áreas de Reserva Ecológica Nacional.



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010



Lauren Maganete, 2010

CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

LEVER

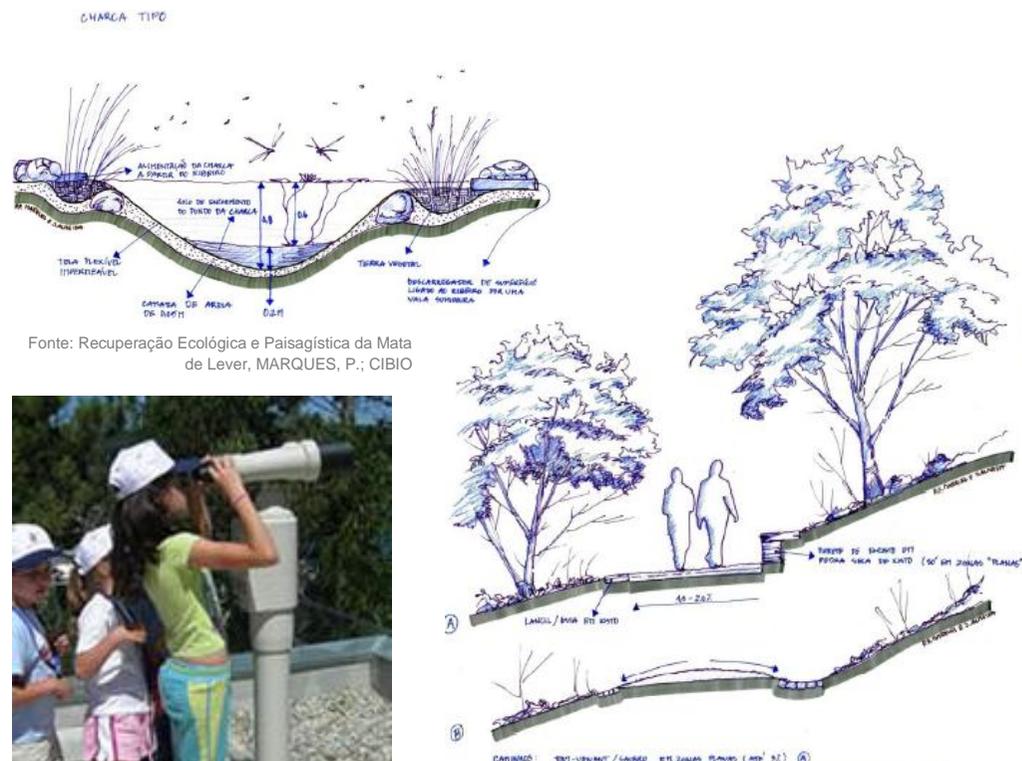
81



Helga Nair 2010

O Centro de Educação Ambiental das Águas do Douro e Paiva (CEA) está situado na Rua do Ribeirinho, numa encosta voltada para o Rio Douro, na freguesia de Lever, junto das instalações de captação de água do Rio Douro da empresa Águas do Douro e Paiva. O CEA está destinado a receber grupos escolares, instituições de terceira idade e público em geral, tendo como um dos principais objectivos a sensibilização do público no que respeita à temática ambiental e, nomeadamente aos recursos hídricos. Em termos de equipamentos, o CEA dispõe de um aquaterrário, um mini-laboratório, um lago mágico, uma biblioteca, uma hemeroteca, uma videoteca, uma audioteca, uma ludoteca, uma sala multimédia e um auditório e ainda de um blog: <http://www.oblogdotopas.blogspot.com/>. Assim, este é um espaço destinado ao desenvolvimento de acções lúdicas e educativas num espaço natural, integrado no Plano de Ordenamento da Zona da Albufeira da Barragem de Crestuma-Lever.

Recentemente foi realizado um projecto de requalificação ecológica e paisagística da mata sobranceira à envolvente ao CEA pela equipa do CIBIO (Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Faculdade de Ciências do Porto), tendo sido inventariadas as espécies presentes no local.



Fonte: Recuperação Ecológica e Paisagística da Mata de Lever, MARQUES, P.; CIBIO



Fonte: <http://www.addp.pt/pt/dados.php?ref=cea>

Fonte: Recuperação Ecológica e Paisagística da Mata de Lever, MARQUES, P.; CIBIO



Fonte: <http://www.addp.pt/pt/dados.php?ref=cea>



Fonte: <http://www.addp.pt/pt/dados.php?ref=cea>



Fonte: <http://www.oblogdotopas.blogspot.com/>

QUINTA DA RUA DE GONDESENDE

LEVER

82



Bing Maps

A quinta situada na Rua de Gondesende localiza-se a uma distância de 24 Km da foz do Rio Douro, a montante do Lugar de Portelinha e da foz da Ribeira da Porqueira, na zona envolvente da Albufeira da Barragem de Crestuma-Lever.

A propriedade, de 2,63 hectares, é marginal ao Rio Douro, que devia garantir o principal acesso à quinta, e ocupa uma frente de rio de 100 metros. O seu valor enquanto património paisagístico está referido no PDM, pelo que será uma das quintas rurais a ter em conta em qualquer estratégia de valorização para as Encostas do Douro.



Helga Nair, 2011



Helga Nair, 2011

Ao longo deste trabalho foi efectuada uma compilação de informação já existente acerca do património, à qual foi associado um trabalho de campo e pesquisa, na perspectiva da obtenção de novos dados. No entanto, considera-se que se trata de um registo que deve ser visto como um documento aberto, sujeito, sempre que necessário, a novos contributos e actualizações.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Luís Gomes Alves: *Notas Monográficas sobre a Freguesia de Santa Eulália de Oliveira do Douro*. Junta de Freguesia de Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia, 1985.
- AMARAL, Ana Filomena Leite: *Avintes, na Margem Esquerda do Douro*. Junta de Freguesia de Avintes, 1993
- CARDOSO, Pe. Luiz: *Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica de Todas as Aldeas, Rios Ribeiras e Serras dos Reynos do Portural (...)*. Tomo I, Lisboa, 1747
- COSTA, Francisco Barbosa: *Santa Maria de Olival, Notas Monográficas*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Olival, Vila Nova de Gaia, 2001
- COSTA, J. Carrington; TEIXEIRA, Carlos: *Notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, Folha 9-C (Porto)*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1957
- FARINHA MARQUES, Paulo: *Recuperação Ecológica e Paisagística da Mata de Lever*. CIBIO, Universidade do Porto, Portugal, 2007
- FORRESTER, Joseph J.: *Mapa do Douro Portuguez e Paiz Adjacente*. 1845
- GAIURB, EEM; Departamento de Planeamento Urbanístico: *Inventário do Património Arquitectónico e Arqueológico*. Vila Nova de Gaia, 2007
- GONDIM, Inocêncio Osório Lopes Gondim: *Avintes e Suas Antiguidades*. Junta de Freguesia de Avintes, 1990
- IPTM, Instituto Portuário e dos Transportes Marítimos, Delegação do Douro; AMARAL, José Braga: *Roteiro da via navegável do Douro*. Graça Editores, Porto, 2008
- MACHADO, José Pedro: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Editorial Confluência
- OS AMIGOS DE GAIA, Associação Cultural: *Boletim nº 14 de Maio de 1983*
- PARQUE BIOLÓGICO DE GAIA, EEM: *Folheto de Apresentação do Parque Botânico do Castelo*

- PARQUE BIOLÓGICO DE GAIA, EEM: *Regulamento da Reserva Natural Local do Estuário do Douro*. Município de Vila Nova de Gaia, 2008
- PONTE, Miguel Nunes; PONTE, Luís Nunes: *Memórias de Gaia através do Bilhete Postal Ilustrado*. Miguel Nunes da Ponte Lda., Arcozelo, Vila Nova de Gaia, 2003
- *Revista Casa & Jardim – Setembro 93*. Lisboa, 1993
- SANTOS, João d’Azevedo Manoel: *Descrição Topographica de Villa Nova de Gaya*. Porto, 1861
- SILVA, Raquel Henriques: *Pintores Portugueses, Aurélia de Souza*. INAPA, Lisboa, 2004
- SOARES, Álea: *Quintas em Estrutura Ecológica na Margem Sul do Douro*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2006
- SOARES, Luís Lousada: *Edgar Cardoso, engenheiro civil*. FEUP Edições, Porto, 2003
- VECTOR ESTRATÉGICO: *PEDED, Plano Estratégico de Desenvolvimento das Encostas do Douro*. 2008
- VILA MAIOR, 2º Visconde 1809-1884: *O Douro ilustrado / Visconde de Villa Maior*. Casa da Moeda, Lisboa, 1990.

SITES CONSULTADOS

- Autoridade Florestal Nacional, Arvoredo Classificado. Disponível em: <http://www.afn.min-agricultura.pt/>
- Bing Maps. Disponível em: <http://www.bing.com/maps/>
- Blogue Dias Com Árvores. Disponível em: <http://dias-com-arvores.blogspot.com/>
- Centro de Educação Ambiental, Lever – Águas do Douro e Paiva. Disponível em: <http://www.addp.pt/pt/>
- Clube de Coleccionadores de Gaia. Disponível em: <http://clubedecoleccionadoresdegaia.blogspot.com/>
- Disponível em: <http://www.monumentos.pt/>
- Instituto de Gestão do Património Arqueológico e Arquitectónico (IGESPAR) – Mosteiro e Quinta dos Frades. Disponível em: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/>
- Junta de Freguesia de Oliveira do Douro. Disponível em: <http://www.jfodouro.com>
- KodeBar, Blogue de Paulo Silva - Companhia de Fiação de Crestuma. Disponível em: <http://kodebar.com/blog/artigo/215>
- Oliveira do Douro, Página não oficial. Disponível em: <http://www.geocities.ws/oliveiradouro/>
- Porto Antigo, Histórias e Imagens da Cidade. Disponível em: <http://www.portoantigo.org/>
- Quinta da Pedra Salgada. Disponível em: <http://www.quintadapedrasalgada.com/>
- Quinta de S. Salvador - Estalagens de Portugal. Disponível em <http://www.estalagensdeportugal.com/>
- Unidade Hoteleira da Quinta de S. Salvador. Disponível em: <http://www.quintasaosalvador.com>